

ESCOLA PARTICULAR

siesp

• ANO 19 • Nº 225
DEZEMBRO DE 2016

PUBLICAÇÃO MENSAL DO SINDICATO DOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO NO ESTADO DE SÃO PAULO



Filhos da Ritalina?





imprensa@sieeesp.com.br

DIRETORIA

Presidente

Benjamin Ribeiro da Silva
Colégio Albert Einstein

1º Vice-presidente

José Augusto de Mattos Lourenço
Colégio São João Gualberto

2º Vice-presidente

Waldman Biolcati
Curso Cidade de Araçatuba

1º Tesoureiro

José Antônio Figueiredo Antório
Colégio Padre Anchieta

2º Tesoureiro

Antônio Batista Grosso
Colégio Átomo

1º Secretário

Itamar Heráclio Góes Silva
Educ Empreendimentos Educacionais

2º Secretário

Antônio Francisco dos Santos
Colégio Novo Acadêmico

DIRETORES DE REGIONAIS

ABCDMR

Oswana M. F. Fameli - (11) 4437-1008

Araçatuba

Waldman Biolcati - (18) 3623-1168

Bauru

Gerson Trevizani - (14) 3227-8503

Campinas

Antonio F. dos Santos - (19) 3236-6333

Guarulhos

Wilson José Lourenço Júnior - (11) 4963-6842

Marília

Luiz Carlos Lopes - (14) 3413-2437

Ribeirão Preto

João A. A. Velloso - (16) 3610-0217

Osasco

José Antonio F. Antório - (11) 3681-4327

Presidente Prudente

Antonio Batista Grosso - (18) 3223-2510

Santos

Ermenegildo P. Miranda - (13) 3234-4349

São José dos Campos

Maria Helena Bitelli Baeza Sezaretto - (12) 3931-0086

São José do Rio Preto

Cenira Blanco Fernandes Lujan - (17) 3222-6545

Sorocaba

Edgar Delbem - (15) 3231-8459

DEZEMBRO DE 2016

Editor

Adhemar Oricchio - MTB 8.171

Repórteres

Gisele Carmona

Ygor Jegerow

Assessoria de Imprensa e

Produção Editorial

Editor-chefe: Adhemar Oricchio

Editor gráfico: Balduino Ferreira Leite

Site: Gisele Carmona

Redes Sociais: Ygor Jegerow

Impressão: DuoGraf

Colaboradores

- Ana Paula Saab • Antonio Higa
- Carlos Alberto Nonino
- Clemente de Sousa Lemes
- Ivaci de Oliveira • Jocelin de Oliveira
- José Maria Tomazela • José Rodrigues
- Ulisses de Souza

www.sieeesp.org.br

Av. das Carinás, 525 - São Paulo - SP
CEP 04086-011 - (11) 5583-5500

Os artigos assinados nesta publicação são de inteira responsabilidade dos autores.

4

Matéria de Capa

Filhos da Ritalina?

16

Autismo

**Autismo:
Características, causas
e fatores de risco**

36

Reflexão

**Ensinar a língua escrita
junto ao aprendizado
de ler e escrever**

18

Mobiliário

**Agir agora, para as
novas turmas de 2017**

42

Arte

**Arte na
educação infantil**

20

Inclusão

**Autismo e
inclusão escolar**

46

Bett Brasil

**Inovação: Novos
horizontes para a
educação**

22

Inclusão II

**Como lidar com os
desafios da inclusão**

48

Jurídico

**Desconto
pontualidade ou uma
multa camuflada?**

28

Educatividade

**Educatividade:
A educação do
fazer acontecer**

50

Tributos

**Simplex Nacional -
Aspectos gerais da
tributação**

34

Comportamento

**Educação:
Um princípio
fundamental para o
desenvolvimento
da cidadania**

52

Obrigações

54

Cursos



Benjamin
Ribeiro da Silva
Presidente do SIEEEsp

benjamin@einstein24h.com.br

É preciso ler mais

A pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, divulgada no mês de maio e encomendada ao Ibope pelo Instituto Pró-Livro, apresentou dados preocupantes. Mostra que em 2015, semelhante ao observado nas edições anteriores da pesquisa, pouco menos de um terço dos brasileiros declararam que gostam muito de ler. Ao contrário, pouco menos de um quarto não gostam. A proporção de leitores que gostam muito de ler é significativamente maior que a proporção de não leitores, grupo composto por 43% de indivíduos que não gostam de ler.

Gostar muito de ler é mais característico das crianças menores, sendo que os adolescentes e adultos declaram em maior proporção que gostam um pouco de ler, indicando uma mudança importante na relação com a leitura a partir do ingresso no Ensino Fundamental II. No entanto, entre os indivíduos que atingiram escolaridade superior, a proporção dos que gostam muito de ler ultrapassa a metade desse grupo. Da mesma forma, quanto mais alta a renda, maior a proporção dos que declaram que gostam muito da leitura.

A falta de tempo é o principal motivo mencionado pelos não leitores e também pelos leitores que gostariam de ter lido mais – que representam cerca de três quartos das pessoas. Porém, merece registro entre os não leitores a menção à falta de gosto pela leitura. A cada edição da pesquisa diminui a proporção dos que afirmam não ter nenhuma dificuldade para ler, enquanto ganham destaque motivos como a falta de paciência e de concentração e os problemas

de visão. Na medida em que a escolaridade do indivíduo diminui, reduz a proporção daqueles que consideram a leitura uma atividade prazerosa. A maior escolaridade indica uma maior diversidade de materiais lidos, mas também pode influenciar no tipo de relação que ele estabelece com a leitura.

Aproximadamente metade dos entrevistados indicou o empréstimo, seja com parentes ou amigos, seja em bibliotecas ou outros locais, como principal meio de acesso ao livro. O segundo meio de acesso mais citado foi a compra; 30% dos entrevistados afirmaram nunca terem comprado um livro. Tema é o aspecto que mais influencia quem compra livros e, em geral quanto maior a escolaridade e a classe, maior a proporção de compradores. No entanto, chama a atenção que cerca de metade de estudantes e dos leitores não são compradores de livros.

Em geral, o brasileiro vê a biblioteca como um espaço de estudo e pesquisa. Porém, chama a atenção que cerca de 29% também acha que ela é um local para se emprestar livros. Bibliotecas públicas locais são conhecidas por 55% dos entrevistados, e essa proporção cresce na medida em que aumenta o nível de escolaridade. Por outro lado, 66% da população não frequenta bibliotecas; essa proporção diminui entre o público leitor, mas principalmente entre os estudantes (34%).

Em nosso país, as facilidades oferecidas para a leitura melhoraram muito, inclusive com as bibliotecas virtuais que surgem como uma forma de democratizar as informações em

Gostar muito de ler é mais característico das crianças menores, sendo que os adolescentes e adultos declaram em maior proporção que gostam um pouco de ler

todo o mundo, e isso se transforma em um grande aliado de professores, alunos e da população em geral. Nelas são encontradas obras que custam caro e que ainda não estão disponíveis nas escolas ou bibliotecas dos municípios. Como se nota, o que falta mesmo é o hábito de leitura para o brasileiro em especial.

Cabe a nós, educadores, fomentar campanhas de leitura para que possamos alcançar níveis aceitáveis, melhorando assim a condição de ensino e de aprendizagem da população brasileira. E isso é possível, pois temos um excelente parque gráfico de produção de livros, revistas e jornais; o que falta é o hábito e a disposição e, para isso, cabe-nos a missão de incentivar.

Filhos da Ritalina?

1. TDAH: um tema polêmico

Escrever um texto no qual se quer discutir o assim denominado Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH e a conseqüente medicalização da infância e juventude não é uma tarefa fácil. Pelo contrário.

Isto porque, hoje, multiplicam-se estudos acerca das dificuldades de aprendizagem ou perturbações sociais com nome e sobrenome “TDAH”. Há severas incertezas sobre suas origens, duração e conseqüências e, sobretudo, sobre a necessidade da medicalização, contaminada esta, com seus possíveis efeitos colaterais. Em que pese tudo isto, já se classificou o TDAH como uma “doença” inicial e iniciadora daquelas dificuldades.

Sobre este tema envolto em importantes polêmicas, nasceram rigorosas

contradições e emergiu certa diminuição do rigor científico concretizado em rápidos diagnósticos reducionistas e com provas (questionários) e exames clínicos no mínimo questionáveis. Surgiram também o arrefecimento de contraposições e, evidentemente, mil interesses econômicos (leiam-se: indústrias farmacêuticas outras maneiras de tratamento).

2. Sopinha de letras. (Para Freud, um charuto, nunca é um charuto...)

Há para todos os gostos, situações e circunstâncias, em diversas Línguas. Para este texto, são estas as que interessam:

- LCM = Lesão Cerebral Mínima
- DCM = Disfunção Cerebral Mínima
- ADD = Attention Deficit Disorders
- ADHD = Attention Deficit and Hyperactivity Disorders

- DA = Déficit de Atenção
- TDAH = Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade.

Em uma sociedade acostumada ao reducionismo, letrinhas usadas como siglas, tornam-se moda, são facilmente memorizadas e simples de serem aceitas como rótulos e diagnósticos assentados em pessoas. Uma vez assim, há aquelas que os levam pela vida afora.

Fortes e marcantes, as siglas, quase sempre minimamente “compreendidas, por vezes são personalizadas em status: “sabe, eu tenho TDAH”. Por outras, em desculpas: “pobrezinho, ele tem TDAH”. E, por último, em apologias escusas: “não entendo a matéria porque tenho TDAH”.

Em tempos digitais, siglas investem-se de um significado peculiar e de um simbolismo privilegiado. Hospedando-se, assim, no



freepik.com

inconsciente coletivo, “dão asas” ao como e ao quê cada qual quer ou pode entender do termo. Igualmente, penetram em nosso inconsciente individual, pois, ao ouvi-las, sem compreender o seu sentido, acabam por alterar a percepção e encobrindo o fenômeno: a fantasia aumenta quando o fenômeno nos é oculto.

Do ponto de vista psicanalítico, inserem o indivíduo em clima de inseguranças existenciais e de incertezas emocionais: *afinal, o que vem a ser mesmo o que eu tenho?*

Nesta linha de pensamento, inspirado em Foucault, deduzimos que o reducionismo incorporado nestas siglas incompreensíveis, pode ser entendido como um contrassenso em relação aos padrões dominantes em uma sociedade na qual, outrora e sempre, prevaleceu o excesso de explicações (Leia-se: o Positivismo).

Elas obscurecem a transparência de conceitos, suavizam o seu sentido, confundem os ingênuos, tornam-se iscas fáceis para o consumidor e dão poder a quem as cita e a quem domina o seu significado.

As siglas invadiram a escola. Nesta, o discurso comum aponta no sentido da constante utilização de dois conceitos, a saber: o DA e o TDAH – além de outro, isento de sigla, a Dislexia. O curioso é que para aqueles dois há um remédio: o Metilfenidato, psicoestimulante do sistema nervoso central, de efeito limitado, contínuo e de consequências ainda totalmente desconhecidas.

Para nós, de certa maneira, todos temos dificuldades de aprendizagem

3. As dificuldades

Quando se pensa em dificuldades de aprendizagem, logo vem à mente um aluno que vai mal na escola ou que, concomitantemente, tenha “inadequações” comportamentais.

Não compramos este raciocínio. Para nós, de certa maneira, todos temos dificuldades de aprendizagem. O leitor sabe tocar violino? E bumbo? Sabe cozinhar? Por que não aprendeu o Esperanto ou o Mandarim?

Fique claro que “dificuldade” é um fenômeno do mundo animal. Um cavalo trotador terá muita facilidade em andar em uma pista de areia ou dificuldades em subir >>>



A medicalização passou a ser vista como uma justificativa científica para a normalização da vida

um penhasco pedregoso. Assim, também, com o emprego de palavras, como quando alguns apresentam facilidade em escrever e, pelo contrário, dificuldades em falar em público. Quem saberia explicar?

Se analisássemos o desenvolvimento acadêmico de uma pessoa de meia-idade, a veríamos, historicamente, fugindo de áreas onde teve maior dificuldade e migrando para outras; desinteressando-se por este conteúdo ou interessando-se por outro.

O problema da criança é que ela não tem como escapar, migrando para outras áreas. Assim, se a sua vida acadêmica é invadida por dificuldades, ela acaba ficando refém delas. Os adultos, por vezes, sem saber a etiologia de tais dificuldades e, tampouco, como lidar com elas, passam a apontar o dedo no sentido da busca de rótulos explicativos: *aquela criança tem DA; a outra é portadora de TDAH.*

Pronto, resolvida boa parte do problema: de possível vítima, a criança passa a ser culpada! Ai, ai, ai!

Fenômeno semelhante está sendo desenvolvido no tocante à questão dos limites. Igualmente, apontamos o dedo indicador às crianças dizendo: *essas crianças de hoje não têm limites.* Ora, pois, não é necessário muito esforço ou sabedoria para saber que crianças nascem sem limites e os aprenderão pela dimensão da educação que lhes proporcionada. Se aos sete anos não apresentam limites, é porque “alguém” não lhes deu. Fato.

Não eduque uma criança para você ver! Ela cresce como um animalzinho: grita, chuta, morde, berra. Há quem disse que o humano nasce animal, para tornar-se pessoa... pela educação.

Entendamo-nos por fim. As dificuldades escolares, tema historicamente estudado e acolhido por psicólogos clínicos, psicólogos educacionais, pedagogos, psicopedagogos e professores, passou a ser um “tema” de “interesse”, “especialidade” e “mérito” de médicos. Daí, para a medicalização, foi um pulo só.

4. Surgem os transtornos

Em uma rápida leitura no CID-10, em seu índice, podemos anotar, entre classificações e subclassificações, cerca de 400 itens que designam “transtornos e mais transtornos” na existência humana.

Vivemos, pois, sob a égide dos transtornos; assim, a patologia social da pós-modernidade passou a apostar no controle da vida das pessoas.

Michael Foley, em seu brilhante livro *A Era da Loucura*, brinca que gostaria de “incluir no DSM-5 o *Transtorno do Vício em Transtorno*, o (TVT)”. Continua o autor, dizendo que o “*Transtorno de Ansiedade Social*” (TAS), antigamente conhecida como timidez, hoje transformou-se em doença... medicada com Plaxil (da GlaxoSmithKline) ou Zoloft (da Phiser).

Sem mais comentários...

5. Surge a medicalização

Ao transformar as dificuldades da criança em transtornos de aprendizagem, automaticamente, esses passaram a ser um problema da medicina. Constitui-se, assim, o que se chama medicalização.

Tal expressão, cunhada nos anos 1970, foi usada por Ivan Illich, em seu livro “*A apropriação da saúde: nêmesis da medicina*”, para alertar sobre a ampliação e extensão

do poder médico que passou a minar as possibilidades das pessoas de lidarem com os sofrimentos e perdas, decorrentes da própria vida, transformando, como num passe de mágica, as dores naturais da vida, em doenças.

Medicalização seria assim um termo crítico do processo que transforma comportamentos não aceitos socialmente em assunto médico, em termos etiológicos, classificatórios, de diagnóstico e de tratamento medicamentoso.

Atualmente, o processo de medicalização da criança no Brasil, por meio do TDAH, parece ter a finalidade de criar o dispositivo de normalização do comportamento infantil para adequação ao meio social produtivo, tendo em vista protegê-la de um futuro, supostamente, repleto de riscos.

A medicalização passou a ser vista como uma justificativa científica para a normalização da vida, visando à extração máxima das capacidades individuais para o melhor desempenho produtivo (escolar ou profissional).

Os dados mais recentes acerca da dispensação de medicamentos para o tratamento do suposto TDAH, no Brasil, foram produzidos pela ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), em 2012. Intitulado “*Prescrição e consumo de metilfenidato no Brasil: identificando riscos para o monitoramento e controle sanitário*”, o documento foi produzido pelo fato de a ANVISA considerar que se deve fazer “o monitoramento da prescrição e do consumo de medicamentos que podem ocasionar dependência física, psíquica e/ou outro tipo de risco conhecido ou em >>>



SOLUÇÕES EDUCACIONAIS

DESENVOLVENDO MELHORIAS NAS ESCOLAS BRASILEIRAS.



CONSULTORIA



FUSÕES E AQUISIÇÕES



CURSOS E PALESTRAS



(11) 2771-1574

www.rseducacional.com.br



DM Cobrança Educacional

**SIMPLES PRA VOCÊ,
▶ FÁCIL PARA O
SEU ALUNO.**

ATENDEMOS EM
TODO **BRASIL**

A **DDM RECUPERAÇÃO DE CRÉDITO EDUCACIONAL** ESTÁ HÁ 13 ANOS AJUDANDO ALUNOS E CLIENTES A FICAREM NO AZUL. CONHEÇA NOSSA PLATAFORMA ONLINE E SURPREENDA-SE!

Serviços:

- COBRANÇA EXTRAJUDICIAL
- COBRANÇA JUDICIAL
- GESTÃO DA CARTEIRA
- TERCEIRIZAÇÃO DO ATENDIMENTO/SAC

www ddm.adv.br
comercial@ddm.adv.br
21 99669-4800
21 3030-9150

O consumo do medicamento diminui no período de férias escolares e aumenta no segundo semestre

potencial para a saúde humana em uma população, a exemplo do metilfenidato” (ANVISA, 2012).

Abaixo, destacamos algumas relevantes informações do estudo:

- Houve um **aumento no consumo** do medicamento de 117% entre os anos de 2009-2011, passando de 557.588 caixas vendidas para 1.212.850;

- Em termos de **gastos das famílias** com o medicamento, em 2011, foram desembolsados R\$ 28.428.638,61/família, o que representa R\$778,75/criança, sendo que um único laboratório foi responsável por 92% das vendas (Novartis Biociência que comercializa a Ritalina);

- O consumo do medicamento diminui no **período de férias** escolares e aumenta no segundo semestre;

- O metilfenidato, em diversos países, tem sido utilizado para “**aprimorar o desempenho escolar e ‘moldar’ as crianças**”, pois “é mais fácil modificá-las que ao ambiente” (ANVISA, 2012).

A partir do que vai nos parágrafos sobreditos, não erraríamos em indicar que importante parte de uma geração poderá por nós ser considerada como “Filhos da Ritalina”...

Por outro lado, emerge um tema de importância ímpar: não é curiosa a diminuição do consumo do medicamento no período das férias?

Ora, se o TDAH é uma doença mental, segundo o DSM-5 (Manual de Estatística das Doenças Mentais), produzido pela APA (Associação Psiquiátrica Americana), como se pode suspender a utilização num determinado período do ano? Tal suspensão, também identificada nos discursos de psiquiatras por nós ouvidos, talvez se deva à própria finalidade desse medicamento, qual seja: aprimorar o desempenho escolar e “moldar” as crianças.

6. O TDAH

O TDAH não é um conceito ou um diagnóstico novo, todavia, agora, popularizou-se de maneira espantosa, quase epidêmica, tornando-se um dos mais utilizados na Medicina (onde há sérias controvérsias) e na Educação (explicação recorrente para quaisquer dificuldades de aprendizagem).

Tudo teve início por volta de 1918, quando o neurologista Strauss especulou sobre a existência de uma “lesão cerebral”, que viesse justificar problemas de aprendizagem. Como não tivesse evidências empíricas, levantou a hipótese de uma lesão “muito pequenina”. Surgiu, então, o termo **Lesão Cerebral Mínima – LCM** – que era suficiente para alterar o comportamento, não obstante mínima, para não provocar outras manifestações neurológicas (COLLARES; MOYSÉS, 2010).



freepik.com

Uma das primeiras pesquisas a utilizar uma substância estimulante do sistema nervoso central conhecida como benzedrina, da família das anfetaminas, foi realizada pelo médico-psiquiatra estadunidense Charles Bradley, em sua instituição Emma Pendleton Bradley Home, destinada a atender, preferencialmente, crianças pobres com inteligência normal, mas portadoras de “desordem” neurológica ou comportamental.

Publicada em 1937 (“*The behavior of children receiving benzedrine*”), constatou-se que metade das crianças pesquisadas respondeu de uma maneira “espetacular” e imediata à benzedrina. Isso foi relatado por professores que observaram um notável incremento no interesse dos alunos pelos diversos assuntos escolares e uma maior agilidade na resolução de tarefas. Adicionalmente, metade das crianças tornou-se reprimida em suas respostas emocionais, ficando mais plácidas, fáceis de lidar, apáticas, diminuídas, o que, para Bradley, representou uma melhoria clínica do ponto de vista social (MORAES, 2012).

Por volta dos anos 1960, estudos passaram a indicar que não havia a tal lesão. Se isto era verdade, os cientistas necessitavam de um novo indicativo cerebral para justificar suas hipóteses. Se não uma lesão,

existiria, então, uma disfunção. Surgiu a **Disfunção Cerebral Mínima – DCM** (COLLARES; MOYSÉS, 2010).

À boca pequena e em tom jocoso, ouvia-se que, quando não se sabia diagnosticar uma dificuldade de aprendizagem, afirmava-se que se tratava de uma DCM. Era um diagnóstico pouco utilizado. Primeiro, porque a sua etiologia não estava nada clara para os cientistas; segundo, porque não havia presença de alterações em exames de laboratório, radiografias ou eletroencefalogramas; e, terceiro, só era diagnosticada uma criança com DCM desde que apresentasse diversas comorbidades (presença de múltiplos e diversos sintomas coexistentes, conjuntos e adicionais ao possível diagnóstico principal, inicial ou iniciador).

Assim, só eram diagnosticados portadores da DCM aqueles que apresentassem múltiplas comorbidades, como por exemplo: a não efetivação da alfabetização, o não surgimento das operações mentais, alterações psicomotoras visíveis, quietude exacerbada ou impulsividade acentuada e vocabulário restrito, não compreensão de ordens escritas ou faladas, autoestima rebaixada e inseguranças básicas ao se expressar ou ao se relacionar, alguma oscilação na mensuração do QI – Quociente Intelectual – e assim por diante. >>>

MSM
MUNHOZ SOARES
MARTINHO
Sociedade de Advogados



REMATRÍCULA DOS ALUNOS INADIMPLENTES.

SUA ESCOLA ESTÁ PREPARADA?

Com mais de 10 anos de experiência, o MSM propõe soluções para a redução da inadimplência, viabilizando a matrícula dos alunos e contribuindo para melhorar o índice de fidelização da sua escola.

ÁREAS DE ATUAÇÃO

- ⇒ Conciliação
- ⇒ Cível
- ⇒ Contratos
- ⇒ Trabalhista
- ⇒ Cobrança



www.msmapvogados.com.br



Tel 11 2366 8326



Av. Dr. Chucrí Zaidan, 1.550 - cj 2706
Chácara Santo Antônio
Cep 04711-130 - São Paulo



É normal que em algumas ocasiões as crianças tenham dificuldades para concentrar-se

freepik.com

Desde 1984, a Academia Americana de Psiquiatria entendeu que “a deformidade” estava na atenção e na hiperatividade, e propôs um novo diagnóstico o ADD-H = Attention Deficit and Hyperactivity Disorders que, em Português, transmutou-se em TDAH.

Embora o DSM – 5 (2013, p. 61) clarifique com propriedade “que não existe marcador biológico para o diagnóstico do TDAH” (sic), ele, juntamente com documento da ANVISA, aponta, entre outros, para alguns sinais ou sintomas do diagnóstico de TDAH em crianças, quais sejam:

- Dificuldade para prestar atenção e passar muito tempo sonhando acordada;
- Parece não ouvir quando se fala diretamente com ela (criança);
- Distrai-se facilmente ao fazer tarefas ou ao brincar;
- Esquece as coisas;
- Move-se constantemente ou é incapaz de permanecer sentada;
- Inquieta;
- Fala excessivamente;
- Incapaz de brincar calada;
- Atua e fala sem pensar;
- Tem dificuldade para esperar sua vez;
- Interrompe a conversa de terceiros;
- Frequentemente, não segue instruções até o fim e não consegue terminar os trabalhos escolares. O mesmo vale para a dificuldade de organizar-se para as tarefas do dia a dia;
- Não gosta ou reluta em se envolver em tarefas que exijam esforço mental prolongado.

A ANVISA apresenta esses sintomas não sem lembrar que “é normal que em algumas ocasiões as crianças tenham dificuldades para concentrar-se e, também, problemas de comportamento. Entretanto, nas crianças com TDAH, os sintomas continuam em vez de melhorar e isso pode dificultar o aprendizado”.

Por mais criterioso que seja o profissional que realiza o diagnóstico do TDAH, os sintomas identificados acima são analisados por meio de exames clínicos seja com aplicação de questionários, como o SNAP-IV, que avalia o grau de agitação e desatenção da criança, seja por entrevistas com a criança, a família e, eventualmente, professores. Nem escaneamento cerebral nem análises bioquímicas conseguem comprovar sua existência.

Com isso, dependendo do grau do “sonhar acordada”, da “distração”, do “esquecimento”, do “falar sem pensar”, da “interrupção das conversas” etc., a criança corre um sério risco de receber um rótulo que, de uma maneira ou de outra, poderá transformar sua vida.

Ora, se não estudarmos esta presumível “doença”, não poderemos compreendê-la em sua totalidade e nem chegaremos à conclusão alguma.

Ao questionarem o possível diagnóstico do TDAH, um sem-número de cientistas está revendo suas posições e, daí, surgem opiniões divergentes sobre a sua etiologia e, inclusive, a sua existência. Por exemplo, um estudo realizado por universidade canadense analisou 10.000 artigos publicados

em periódicos científicos entre os anos de 1980-2010. Desses, apenas 11 seguiam os padrões científicos, dentre os quais nenhum comprovava a existência do TDAH!

Assim, sobre a possível existência do TDAH, emergem movimentos sociais – incluindo grupos de médicos – que questionam duramente a medicalização, em que pese ela se difundir em larga escala. Confesse-se, ela, a medicalização, propaga-se aos borbotões!

Tanto é verdade o que está nos parágrafos sobreditos, que, no Brasil, instala-se bialmente o Seminário Internacional sobre a Educação Medicalizada, com o intuito de discutir, inclusive, as influências (ainda desconhecidas) dos medicamentos receitados às crianças e aos jovens. Algumas pesquisas mostram que, após a retirada do medicamento na fase adulta, tem havido a substituição do psicoestimulante por outras drogas que reproduzam seu efeito no organismo.

O TDAH não é um conceito novo, mas transmutado de um fenômeno antigo, a DCM. Entendamo-nos em linguagem simples: assistimos à uma peça antiga, com novos atores, só que, agora, com aplausos de um sem-número de coadjuvantes e muito dinheiro em jogo.

O que se percebe, metaforicamente, é o maior embelezamento do cenário, a modernização do figurino, a sofisticação do script e o envolvimento do público com a trama. Objetivamente, a técnica e o discurso mudaram para justificar a existência de algo tão abstrato como o transtorno. >>>

TARIFA ZERO

PARA VR REFEIÇÃO
E VR ALIMENTAÇÃO.



COM A KLIMA, OS BENEFÍCIOS MAIS DESEJADOS PELOS FUNCIONÁRIOS TÊM CONDIÇÃO ESPECIAL: TARIFA ZERO.

Com a parceria da Klima Corretora junto ao SIEESP e à VR Benefícios, a sua empresa tem muito a ganhar. O motivo é simples: são os benefícios mais desejados, com as condições imperdíveis que só a Klima pode oferecer. Solicite nossa proposta e proporcione aos seus funcionários os benefícios VR Refeição, VR Alimentação, VR Auto, VR Transporte e VR Cultura. Você cuida mais dos funcionários e eles cuidam mais da sua empresa.



VANTAGENS DE TRABALHAR COM A VR BENEFÍCIOS:

- Agilidade, praticidade e segurança na distribuição do benefício.
- Valores e periodicidade estipulados por sua empresa.
- Solicitação de créditos pelo sistema on-line e muito mais.

Entre em contato com a
Klima Corretora de Seguros
e solicite uma proposta.
Tel.: (11) 5087-6522

Klima
CORRETORA DE
Seguros



Diagnostica-se TDAH e receita-se medicamentos sem que se observem prováveis comorbidades ou que se leve em conta uma apurada avaliação do ambiente em que esta criança está inserida. Lembremo-nos de que o desenvolvimento da criança é fruto de sua herança genética, de sua estrutura biofísica, da educação recebida e, especialmente, do ambiente social no qual está inserida. Vygotsky e Piaget não se cansaram de nos alertar, contudo, parece, sem serem sequer ouvidos ou estudados.

Ao biologizar o olhar sobre a criança, ou seja, ao considerá-la enquanto um organismo funcional-anatômico apenas, perde-se a dimensão social em que está inserida e, portanto, transforma-a no algoz de si mesma e nada se faz para mudar o ambiente que a pode oprimir.

Observações clínicas ou simples questionários, como o SNAP, não são suficientes para diagnosticar o possível TDAH. Então, antes de diagnosticar uma criança portadora deste suposto transtorno, a que se ter um olhar compressivo para o seu entorno e para a maneira como ela vive neste mundo da pós-modernidade...

Ora, pois sim, após Vygotsky, Piaget e Luria, nunca mais se pode estudar a mente e o cérebro e as suas relações com o pensamento, a aprendizagem e com o comportamento, sem estudarmos a interação do humano com a sociedade e a sua cultura.

7. Contexto social e produção do medo

O mundo atual exerce uma seriíssima influência sobre a vida mental, cerebral e física das crianças, estimulando-as e excitando-as exacerbadamente.

Crianças e jovens sofrem precoces influências das mídias sociais, onde há verdadeira incitação ou aguilhoamento para que atendam a múltiplos e diversos estímulos ao mesmo tempo.

Na sociedade pós-moderna, as crianças e jovens estão envolvidos em um mundo de facilidades e recebem um sem-número de presentes e se contaminam por um consumismo obscuro e vivem em frequente tensão pelas expectativas que as pode levar a situações de constantes insatisfações existenciais e, *a fortiori*, à perda de limites e do foco da atenção, da percepção e da memorização.

Não à toa, o TDAH é mais diagnosticado em crianças que vivem em grandes centros urbanos, onde as possibilidades de entretenimento ficam restritas a locais fechados e repletos de informações visuais e sonoras, sem contar o tipo de alimentação fast que ingerem, ricas em açúcares, gorduras e sais.

Os estudantes de quaisquer idades são expostos às jornadas intensas visando ao “bendito” vestibular. Jogam futebol e



vão às academias e vivem com celulares e tablets e fones de ouvidos. Têm inúmeras terapias e lições de casa e recuperações e aulas de línguas e dormem tarde e acordam cedo com peruas escolares os esperando. Assimilam as expectativas do mundo adulto, ansioso por vê-las já emancipadas e na faculdade e ajustados e talentosos e longe das drogas.

O discurso do risco e do medo acentua tal ansiedade.

Para especialistas em TDAH, a criança com esse possível transtorno corre maior risco de repetência, de ter menos amigos, de possuir relação social mais tumultuada, de obter menor grau de formação, de conseguir empregos piores, de ficar mais ansiosa, deprimida, de sentir-se “burra”, pois estuda e não consegue, de usar drogas, de ser mais impulsivo, de cometer acidentes.

Além disso, dizem que a porcentagem de crianças com esse suposto transtorno gira em torno de 3 a 6%, para uns, ou 8 a 12%, para outros, em diferentes países e que cerca de 2,5% dos adultos continuam a ter a doença, caso não sejam tratados na infância.

Resultado: diante desses riscos e números, deflagra-se uma completa sensação de impotência das famílias para questionar qualquer diagnóstico que receba dos especialistas.

Para restabelecer a sensação de segurança, ouvimos de alguns psiquiatras que a porcentagem de melhora da criança com o tratamento medicamentoso gira em torno de 75 a 85%.

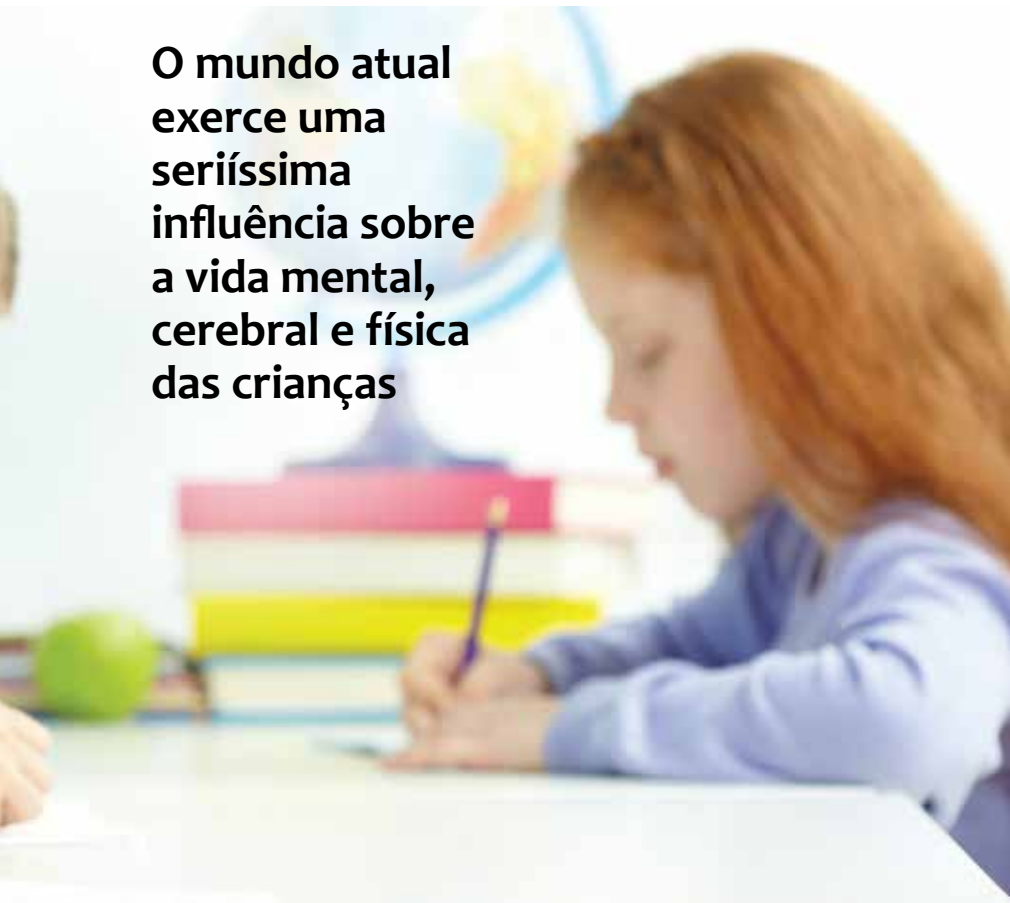
Em síntese, o medo gerado é prontamente combatido com a venda de tratamentos medicamentosos, sessões terapêuticas, eventos sobre o tema, consultas médicas, psicopedagógicas, fonoaudiológicas, livros e palestras de autoajuda.

Muitos pais e mães se encontram divididos pelo pouco tempo que dispõem para estar com os filhos e, grosso modo, são pressionados economicamente e vivem em um cenário familiar dramático que os afastam deles.

Há um hiperativismo de pais – em todas as classes sociais (guardadas as devidas proporções) – que, por excessos de proteção, cuidados exacerbados ou expectativas superdimensionadas, propõem um sem-número de atividades a seus filhos, desde pequeninos, e os protegem de maneira espetacular.

Ao largo desta história repleta de “e” e de mais “es”, a indústria farmacêutica “está por detrás”, exercendo influência extrema e cravada em um mundo onde se privilegia o lucro acima de tudo. Algumas Associações, que agrupam cientistas que estudam transtornos, os de atenção

O mundo atual exerce uma seriíssima influência sobre a vida mental, cerebral e física das crianças



freepik.com

e outros que tais, têm os seus sites e eventos patrocinados por indústrias farmacêuticas.

A venda de Metilfenidato, hoje, não é mais computada em pílulas ou caixas, mas, isto sim, em “toneladas” vendidas por anos, conforme atestam os números apresentados acima. Este e outros medicamentos que tais, não ainda comprovados cientificamente, provocam muitas controvérsias entre os especialistas. Há, até, quem duvide se crianças não estão sendo cobaias de drogas fortíssimas, em “troca” de um “bom comportamento” ou de uma “aprendizagem rápida”.

Há movimentos sociais massificantes em busca de importante controle sobre o comportamento das crianças, visando a um desempenho normalizador via medicamentos! Assim o discurso, sempre normalizador, dos especialistas continuamente aponta para as “dificuldades de aprendizagem” e nunca para as “dificuldades de ensino-aprendizagem”.

A normalização do corpo infantil ocorre de duas maneiras: a construção dos comportamentos inadequados como patologia e a constituição de um campo que justifique esse desvio. Ao se caracterizar a doença, suprimem-se as funções complexas, instáveis e voluntárias para exaltar as funções simples, estáveis e automáticas. >>>

ACADESC®

SOFTWARE PARA GESTÃO ESCOLAR

Agora também como locação!



Secretaria
Ficha cadastral do aluno, Boletim e Gráfico de aproveitamento, Atlas e livro de matrícula, Histórico, Cadastro de professores, Disciplinas e observações pedagógicas.

Tesouraria
Listagem de inadimplentes e cartas de cobrança, Listagem de previsão de recebimentos, Baixa de pagamentos automática e manual, Emissão de recibos e fluxo de Caixa, Emissão de contrato escolar, Boletos bancários e aviso de débitos.

Interface Web
Diário do Professor on line.
Apoio aos Pais - nova ferramenta na nuvem que permite aos pais acessar o Boletim, Avaliações, Emissão de 2a. via de boletos de pagamentos, comunicados, etc.

APOIO AOS PAIS
Acadesc

22 ANOS
Fanny's

(011) 5012 0004/0422/0181 e 0800 773 0422
comercial@fannys.com.br - www.acadesc.com.br

As marcas registradas ACADESC e Fannys Informática são de propriedade exclusiva da Fannys Comércio e Informática Ltda.



freemagazine.com

Trata-se, assim, de um controle social do comportamento infantil, a partir de um saber sobre o corpo da criança, que deve ser normalizado.

A criança de vítima passa a ser a culpada: “veja, aquela criança tem TDAH!”! Emerge aqui o que um filósofo francês chamou de governamentalidade. O controle de todos contra todos, parafraseando um filósofo inglês. Olha-se para uma criança correndo em evento social e não mais a consideram levada, endiabrada, sem-sossego. Acusam-na: é hiperativa! De criança saudável, torna-se “doente mental”. Deve ser tratada. Ai dos pais que negligenciarem tal recomendação. Poderão ser acusados de irresponsáveis e, por que não, abandono de incapaz. O

cuidado será expresso na pílula: 2 vezes ao dia, exceto nas férias escolares.

A pesquisa de Bradley nos mostrou como uma substância neuroquímica, que age sobre a melhoria da performance escolar, possui uma força de sedução numa sociedade que valoriza o desempenho. Contudo, para prescrevê-la, é necessário haver uma doença (MORAES, 2012).

Ao invés de um diagnóstico, digamos, de baixo para cima, deveríamos nos questionar o porquê de a hiperatividade e a falta de atenção se tornaram um transtorno.

Vai aqui um desafio: por que pais, escolas e médicos não reconhecem que o comportamento da criança considerada hiperativa e desatenta incomoda, desvela problemas nas relações familiares e esco-

lares e que, portanto, o diagnóstico e o tratamento medicamentoso servem para aquietá-la, fazê-la reproduzir conhecimentos e comportar-se adequadamente (sic) em situações sociais diversas?

Muitas escolas estão concordando e embarcando nessa onda comum de incentivo à ingerência medicamentosa na vida pessoal e na liberdade de escolhas e de comportamentos.

Por fim, se as políticas públicas para a melhoria da educação nesta pátria gentil são pífiás, observa-se que não há ações consistentes, nem para o aprimoramento da inclusão escolar, tampouco para com aqueles que, de alguma maneira, necessitam de uma atenção mais especial no tocante à construção do conhecimento! ●

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, Fifth Edition (DSM-V). Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2013.

ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Prescrição e consumo de metilfenidato no Brasil: identificando riscos para o monitoramento e controle sanitário. *Boletim de Farmacoepidemiologia do SNGPC*, v. 2, n. 2, jul./dez. de 2012.

BRADLEY, Charles. *The behavior of children receiving benzedrine*. *The American Journal of Psychiatry*, v. 94, n. 3, p. 577-585, 1937.

COLLARES, C. A. I.; MOYSÉS, M. A. A. Dislexia e TDAH: uma análise a partir da ciência médica. In: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo; Grupo Interinstitucional Queixa Escolar.

Medicalização de crianças e adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

ILLICH, Ivan. *A expropriação da saúde: nêmesis da medicina*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975.

MORAES, Rodrigo Bombonati de S. “... como se fosse lógico”: considerações críticas da medicalização do corpo infantil pelo TDAH na perspectiva da sociedade normalizada. 2012. 401 f. *Tese (CDAPG) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo*. São Paulo, 2012.

RONCA, Paulo Afonso & TERZI Cleide. *O pensamento parece uma coisa à-toa; Caminhos que ligam ao pensar ao conhecimento*. São Paulo, EDESPLAN. 2012



Rodrigo Bombonati
Doutor em Administração Pública e Governo pela FGV-SP, mestre em Administração pela FEA-USP, bacharel em Ciências Sociais e Administração pela USP, dedica-se à

atividade acadêmica como docente do ensino superior, na Faculdade Carlos Drummond de Andrade, e pesquisador, no campo da Sociologia e Estudos Organizacionais. Especializou-se na discussão sobre medicalização por meio de pesquisas e contatos com educadores, tendo produzido a seguinte tese: “... como se fosse lógico”: considerações críticas da medicalização do corpo infantil pelo TDAH na perspectiva da sociedade normalizadora.



Paulo Afonso Ronca
Doutor em Psicologia Educacional pela UNICAMP e escritor, entre outros, de “Quem são nossos filhos? - Compreender o mundo para saber educá-los”.
ronca@esplan.com.br



Tenha a **Cultura Inglesa**
dentro da sua instituição de ensino,
da educação infantil ao nível superior.

Com o **Cultura In**, sua instituição passa a contar com
o melhor curso de inglês do mercado

- Cursos próprios, desenvolvidos pelos nossos experientes profissionais (educadores, pedagogos, professores, especialistas em tecnologia);
- Conteúdos constantemente atualizados com base em extensivas pesquisas de mercado e tendências em ensino de línguas;
- Aulas desenvolvidas pensando nas necessidades do aluno brasileiro.
- Centro preparatório e aplicador de exames de proficiência internacionais.

Conheça o Holiday Club: o programa de férias para crianças de 6 a 9 anos, com atividades que fazem a criança aprender brincando.



Para mais informações,
entre em contato conosco:

culturain@culturainglesasp.com.br

Tel. (11) 3039-0533





AUTISMO: CARACTERÍSTICAS, CAUSAS E FATORES DE RISCO

O transtorno do espectro autista apresenta uma incidência estimada de 1% de crianças e adolescentes em todo o mundo, segundo diversas pesquisas internacionais realizadas nos Estados Unidos, Europa e Ásia.

Isso representa mais de seis milhões de crianças e adolescentes portadores de algum transtorno do espectro autista.

Outro dado epidemiológico importante é que a ocorrência de autismo é maior no sexo masculino, afetando cerca de cinco meninos para cada menina acometida. Estima-se que ocorra um caso de autismo para cada 42 nascimentos de meninos, enquanto que para o sexo feminino a relação seria de um caso para cada grupo de 189 meninas.

Vale destacar um grande estudo publicado em 2014 pelo CDC - *Center for Disease Control and Prevention* (Centro de Controle de Doenças e Prevenção), órgão governamental americano com sede em Atlanta, Geórgia, que divulgou dados impressionantes referentes à incidência de autismo nos Estados Unidos. Segundo o levantamento americano, cerca de uma para cada 68 crianças são portadoras de um transtorno do espectro autista.

Esses dados são resultado do estudo de monitoramento chamado *Autism and*

Developmental Disabilities Monitoring Network (Rede de Monitoramento de autismo e Transtornos do Desenvolvimento) realizado a cada dois anos. No monitoramento são estudadas as prevalências dos transtornos do espectro autista em diversas comunidades de todo o país.

Desta forma, o transtorno do espectro autista ilustra um grande problema de saúde pública e que deve ser enfrentado com a participação e apoio de toda a sociedade civil, além de representantes do poder público. Precisamos desenvolver estratégias e projetos na área da saúde e educação, as quais incluam essas crianças e suas famílias.

CAUSAS

Em uma primeira análise, quando falo em causas do transtorno do espectro autista, gostaria de enfatizar que o autismo ocorre em todos os grupos socioeconômicos, étnicos ou raciais e possui uma distribuição global muito semelhante, afetando nações ricas e desenvolvidas, assim como em países pobres e subdesenvolvidos como o nosso.

Não sabemos exatamente as causas do autismo, entretanto podemos enumerar diversos fatores de risco que parecem

favorecer o desenvolvimento dessas condições comportamentais, incluindo fatores genéticos e ambientais.

GENÉTICA

Os estudos científicos mostram que a genética está intimamente ligada ao autismo. Por exemplo, pais que possuam um filho portador de autismo, apresentam cerca de 10% de chances em ter um segundo filho com a mesma condição comportamental.

Outros estudos genéticos com gêmeos idênticos concluem que se um dos irmãos tem autismo, a chance do outro ter também varia entre 36-95%. No caso de gêmeos não idênticos, a chance reduz para até 30%.

Ainda na esfera genética das hipóteses para o autismo, outros estudos mostram que crianças com algumas doenças de origem genética como a síndrome de down ou síndrome do X frágil, apresentam maior chance de também desenvolver o autismo.

FATORES AMBIENTAIS

Esses fatores ambientais seriam insultos ao cérebro em desenvolvimento durante o período gestacional. Nesse caso, doenças congênitas, como rubéola, encefalites, meningites, uso de drogas, má

Os estudos científicos mostram que a genética está intimamente ligada ao autismo

freepik.com

nutrição materna, dentre outros fatores, poderiam hipoteticamente produzir alterações de estruturas cerebrais, ou alterar fatores imunológicos e bioquímicos, predispondo e até mesmo desencadeando o comportamento autista.

Desta forma, infelizmente, podemos concluir que as causas do autismo infantil permanecem desconhecidas. Destaco o maior estudo epidemiológico sendo conduzido atualmente no mundo e que se chama SEED – *Study to explore Early Development* (Estudo para se Explorar o Desenvolvimento Precoce). O SEED objetiva identificar os principais fatores de risco relacionados com o desenvolvimento do autismo, o que nos ajudaria a entender as causas e ajudaria na busca pela prevenção e tratamento mais adequado para os transtornos do espectro autista.

MÃES GELADEIRA, VACINAÇÃO E OS MITOS LIGADOS AO AUTISMO

Antigamente, acreditava-se que as chamadas “mães geladeira” seriam as causadoras do autismo infantil. O termo se refere a crianças expostas a mães que demonstravam pouco ou nenhum afeto em relação aos filhos, eram negligentes e violentas.

Os estudos neurocientíficos demonstraram que métodos de criação parental

e ausência de afeto não causam autismo, entretanto, por outro lado, podemos afirmar que alguns fatores ambientais podem ser potencialmente influentes e ter alguma participação mesmo que indireta no desencadeamento da doença.

Outro mito com relação a origem do autismo é a vacinação. Em 1997 uma hipótese para a causa do transtorno foi levantada pelo médico inglês Andrew Wakefield, que relacionou o aumento da incidência do autismo na Inglaterra com a vacina tríplice viral. Estudos posteriores comprovaram uma série de erros no artigo escrito pelo médico britânico, incluindo falhas metodológicas, conflitos de interesse e violações éticas. Seu artigo foi desqualificado pela comunidade científica internacional e sua licença médica cassada.

Por mais absurda que tenha sido essa hipótese, diversos estudos foram conduzidos posteriormente e todos comprovaram que a vacinação não causa autismo. ●



Gustavo Teixeira
Médico Psiquiatra da Infância
Professor Visitante - Bridgewater State University
Mestre em Educação - Framingham State University
Diretor Executivo - CBI of Miami
www.cbiofmiami.com



Oferecemos muito mais do que uma assessoria jurídica.

Oferecemos parceria, solidez e soluções inovadoras para compartilhar a sua visão.

Áreas de atuação

- ❖ Societário
- ❖ Tributário
- ❖ Empresarial
- ❖ Trabalhista
- ❖ Terceiro Setor
- ❖ Cível, Família e Sucessões

A Celso Carlos Fernandes e Melo conta com 30 anos de experiência em Assessoria Jurídica Preventiva e Contenciosa especializada em Instituições de Ensino.

Ética, estratégia, eficácia, sigilo, dedicação e solidez para atender todas as suas necessidades.



www.ccfmadvocacia.com.br advocacia@ccfmadvocacia.com.br 11 3513-5080

Rua Voluntários da Pátria, 1088
02010-100 - Santana - São Paulo / SP



Divulgação

Divulgação

AGIR AGORA, para as novas turmas de 2017

Com a chegada do novo ano letivo, as Escolas precisam estar preparadas para se apresentar aos novos e interessados alunos das turmas de 2017

Se preparar para as novas turmas de 2017 vai muito além do contexto pedagógico. Atenção com os aspectos físicos, onde o encantamento visual e sensorial tem forte apelo no processo de escolha e decisão das famílias, é fundamental. E no cenário atual, ações assertivas, otimizadas e estratégicas farão toda a diferença; vale investir em Revitalização dos Espaços!

Contrariando a falsa impressão de vantagens e acertos com a linha “faça você

mesmo”, investir no profissional técnico representa um custo x de benefício acessível. Frente à economia de recursos financeiros, prazo de execução, planejamento, qualidade das soluções, essa opção confere a melhor viabilidade da intervenção concluída. Além disso, adaptações e improvisos são facilmente detectáveis.

Arquitetos podem auxiliar em consultorias ou elaborações de projetos, onde são analisadas a utilização e qualidade dos ambientes e como estes se relacionam na Escola como um todo.

Assim, algumas dicas importantes:

- Estudo de layout de mobiliários e equipamentos - Otimizar os espaços é fun-

damental, além dos acessos, áreas de circulação e os melhores dimensionamentos.

- Ergonomia – Sempre priorizar as intervenções, mantendo o olhar no usuário e sua faixa etária.

- Organização dos espaços – Entender a dinâmica das atividades e oferecer recursos para a guarda de materiais de apoio e pedagógicos.

- Substituição de revestimentos – Nem sempre é preciso “quebrar”; hoje existem diversas opções para sobrepor ou mesmo alterar. A boa escolha do material representa economia, segurança, higiene e resulta na Revitalização do ambiente de forma assertiva.

- Padrão de acabamentos e materiais – Possibilitam praticidade e economia nos trabalhos de manutenção.

- Uso consciente e intencional de cores - Cada cor tem seu significado e combinações adequadas dão maior conforto aos ambientes.

- Recursos técnicos - Novidades tecnológicas atraem a atenção da garotada.

- Recursos térmicos, acústicos e luminotécnicos - Produtos adequados garantem maior conforto e auxiliam na qualidade das atividades desenvolvidas.

- Recursos tecnológicos – Implantar soluções que representam melhorias na comunicação, marketing e gestão educacional, elevam a performance da escola e alunos.

- Identidade Visual – Escolha de efeitos e linguagens alinhadas ao padrão visual da escola.

Fique atento e agregue valor a sua escola, representando um diferencial diante das demais instituições do mercado. ●



Divulgação



Lucy Abe
Arquiteta e urbanista pela
Faculdade de Belas Artes de São
Paulo.

Reduzir a inadimplência do seu colégio
aliada a gestão financeira eficaz.



Advice POS a evolução em **Sistema** de **Gestão Educacional**

Advice POS, o Sistema de Gestão Educacional que possibilita você ter a visão completa do seu colégio na palma da sua mão.

Com total integração com as áreas administrativa, de captação e acadêmica, o processo financeiro será muito mais preciso, seguro e ágil para sua tomada de decisão, possibilitando a redução da inadimplência e um melhor planejamento financeiro.

Com o *Advice POS* você terá muito mais tempo para aquilo que realmente importa: a captação, manutenção e futuro dos seus alunos.

- Gestão financeira e orçamentária
- Controle de indicadores
- Planejamento escolar
- Captação de alunos
- Gestão de compras
- Interface web
- Solução Quadro Horário

11 3513-5075 • www.advicesystem.com.br • comercial@advicesystem.com.br





Autismo e inclusão escolar

O aluno aprende. O aluno com transtorno do espectro autista aprende. O mito de que há educandos que não aprendem já foi superado, pois a aprendizagem é característica do ser humano, nascemos para aprender. Trata-se de uma expressão imanente da nossa humanidade, que envolve também o estudante com autismo.

Apesar de a síndrome apresentar níveis diferentes de comprometimentos, todos nós temos características afetivas que podem ser exploradas no espaço escolar. Diante disso, o primeiro passo a ser dado pelo professor será o de conhecer seu aluno, seus afetos. Isso possibilitará a elaboração de atividades e afazeres que ajudarão a canalizar seu interesse.

A partir do princípio afetivo da atividade pedagógica, o professor começará a descobrir os recursos para a superação das dificuldades iniciais. Não se trata de uma regra, mas de um caminho, pois o afeto traz o desejo para os movimentos de ensino e aprendizagem. Quais atividades o aluno gosta de fazer? Como utilizá-las para desenvolver sua aprendizagem? São

perguntas que irão ser respondidas nesse percurso.

Outro passo importante será observar possíveis alergias alimentares que podem interferir no comportamento. A Lei 12.764/12, que trata do autismo, estabelece que o autista tem direito a terapia nutricional e nutrição adequada.

Respeitando as características de cada estudante com autismo, seguem algumas sugestões de atividades para a educação infantil:

Pegadas

Objetivos: reconhecimento do pé direito e esquerdo, identificação lateral, equilíbrio, precisão nos passos, coordenação motora global e interação com os demais alunos.

Desenvolvimento: o professor desenha ou cola pegadas no chão com a ajuda dos alunos, que por sua vez, poderão colorir as pegadas. Posteriormente, o educando anda sobre elas, alternando o pé direito e o pé esquerdo. Durante a brincadeira, o professor poderá sugerir outros movimentos.

Como alternativa, pode-se utilizar solas de sapatos velhos.

Banda escolar

Objetivos: Discriminação e percepção auditiva, identificação das ações, localização de sons, orientação espacial, capacidade de atenção, memorização e interação social.

Desenvolvimento: Utilizam-se vários instrumentos musicais (pandeiro, chocalho, triângulo, tambores, flauta etc.). A cada toque de determinado instrumento os alunos brincam com um objeto ou fazem algum movimento. Por exemplo: quando tocar o tambor os alunos brincam com a bola, quando tocar o triângulo fazem movimentos com as mãos.

Amizade do alfabeto

Objetivos: afetividade, socialização, imaginação, comunicação, expressão, linguagem e coordenação espacial.

Desenvolvimento: Todos sentam, fazendo um círculo. Alguém inicia falando: "Gosto do meu amigo da esquerda com



O afeto traz o desejo para os movimentos de ensino e aprendizagem

A porque ele é atencioso”. O próximo aluno deverá seguir a sequência, dizendo: “Gosto do meu amigo da esquerda com **B** porque ele é bondoso”. E assim por diante.

Sacola de segredos

Objetivos: percepção sensorial, comunicação, linguagem e memória.

Desenvolvimento: O professor colocará diversos objetos em um saco de pano, vendará os olhos do participante e pedirá a ele para que, com o toque das mãos, identifique cada objeto. É um exercício para estímulo da linguagem e memorização, principalmente para estudantes que têm dificuldades na fala. O interessante é utilizar objetos do cotidiano, como relógio, lápis ou copo.

Brincadeira do espião

Objetivos: atenção, observação, detalhamento, afetividade, socialização, criatividade, expressão e imagem corporal.

Desenvolvimento: dividir o grupo em duplas. Cada integrante da dupla observará bem a outra pessoa e vice-versa. Os dois viram de costas, e cada um fará uma mudança no visual. Os dois se voltam um

de frente para o outro e tentam descobrir o que mudou. Pode-se alternar a brincadeira, fazendo mudanças no ambiente.

Formando palavras e contando histórias

Objetivos: imaginação, criatividade, desenvolvimento da linguagem, orientação espacial, afetividade, socialização e comunicação.

Desenvolvimento: Distribuir na sala letras variadas, que podem ser confeccionadas pelos alunos, utilizando diversos materiais. Pedir, inicialmente, que formem palavras com as letras. Posteriormente, separar os alunos em grupos para formarem frases e criarem histórias orais com base nas frases. Uma alternativa possível seria o recorte de letras ou palavras em revistas e jornais.

Somando as diferenças:

Objetivos: discriminação visual, percepção, linguagem, comunicação, classificação, generalização e valores da diversidade para inclusão escolar.

Desenvolvimento: Reunir diversos objetos que sejam opostos. Por exemplo: um

bloco pequeno e um grande, um copo alto e outro baixo. Pedir aos participantes para formarem pares com os objetos opostos e depois descreverem os atributos que tornam esses objetos opostos, enfatizando as qualidades e suas diferenças.

Encontrando a família

Objetivos: linguagem, memória, comunicação, imaginação, discriminação visual e criatividade.

Desenvolvimento: utilizando gravura de revistas ou desenhos, fazer uma coleção de figuras que relacione um elemento ao outro, por exemplo: pai com filho, prato com colher, cadeira com mesa e assim por diante. O participante deverá organizar as imagens dizendo o nome, a cor, função e etc.

Descobrimo palavras pelo tema

Objetivos: conhecimentos gramaticais, linguagem, comunicação, memória, percepção.

Desenvolvimento: selecionar alguns temas, que podem estar nos títulos de reportagens em revistas, jornais ou livros. Pedir aos alunos para escreverem, recortarem ou verbalizarem palavras que estejam ligadas ao tema. Depois, faz-se a inversão: a partir de palavras, os participantes descobrem os temas ligados a elas. •



Eugênio Cunha
Professor, Psicopedagogo, Doutor em educação. Autor dos livros “Autismo e Inclusão” e “Autismo na escola”, publicados pela WAK Editora.

Como lidar com os desafios da inclusão



Arquivo Rio Branco

Diretora de unidade socioeducacional comenta sobre particularidades e deveres no desenvolvimento da convivência responsável

Em um Brasil da década de 70, onde a metodologia oralista imperava na educação dos Surdos na tentativa de transformá-los em “pseudo-ouvintes-falantes”, uma comissão do Rotary Club de São Paulo - Jardim América, idealizou um programa para atender surdos provenientes de famílias de baixa renda, se concretizando em parceria com a Fundação de Rotarianos de São Paulo, a qual dispunha de estrutura física no até então, batizado como LER (Lar Escola Rotary), localizado na região de Cotia. Três anos mais tarde, a Fundação assumiu inteiramente o projeto.

Ao longo dos anos, o trabalho para implementação de séries foi gradual e cuidadoso, levando em consideração as necessidades e mudanças a serviço da época, se fixando até o fim do fundamental I. Passou a ser denominado como Escola Especial Para Crianças Surdas no ano de 1998, no mesmo momento em que começa a se valorizar a cultura surda na formação do desenvolvimento das crianças. No ano

seguinte, foram visionários desenvolvendo um projeto chamado “Programa Continuidade de Escolaridade”, onde as crianças prosseguiram para o ensino fundamental II e médio, com os demais alunos de salas ouvintes em parceria com outras escolas (no Rio Branco, essa transição aconteceu apenas em 2005). Em 2006, a instituição retirou a terminologia “especial” do nome da escola, simbolizando uma mudança de paradigma, pois como eles mesmos defendem - “Assim como a criança deficiente auditiva foi gradativamente se transformando em criança surda, indivíduo com identidade e culturas próprias, a Escola deixou de ter denominação especial que denotava patologia ou restrição dando visibilidade à sua proposta bilíngüe”. Hoje, a escola se intitula CES - Centro de Educação para Surdos Rio Branco, trabalhando como unidade socioeducacional.

Graduada em Fonoaudiologia e pós-graduada em psicopedagogia e gestão de negócios, a diretora do CES, Sabine

Vergamini, atua na área de educação para surdos há 26 anos. Para ela, um dos maiores segredos para um resultado com sucesso na caminhada da inclusão social da minoria surda é o trabalho em conjunto com os pais. O dever da escola está em empoderar, valorizar, acolher e mostrar para as famílias que seus filhos são capazes.

Em entrevista à revista Escola Particular, a diretora pontua a importância do espaço para ambas as partes a serem desenvolvidas e como o Rio Branco agiu com eficácia para a contribuição do autoconhecimento de cada aluno. Respeitando suas individualidades dentro de um modelo de inclusão justo, e capaz de criar a identificação social que é tão importante na educação de cada cidadão, assim como em qualquer outro caso. Ressalta:

“É preciso tomar muito cuidado, pois incluir não é apenas colocar no mesmo espaço físico. Não é ignorar as reais necessidades da criança, seja por parte da escola ou da família. Incluir não é fácil. Existem >>>



Viva a transformação.

Um problema sempre nos leva a pensar. O pensar sempre nos leva a uma ideia. Uma ideia sempre transforma um problema em solução. 15º Prêmio Escola Voluntária, uma iniciativa que identifica e premia as melhores soluções para a comunidade, criadas pelas escolas, com a participação voluntária de seus alunos.

Acesse escolavoluntaria.com.br
e conheça as 3 escolas vencedoras.

Realização:

☎ 0800 770 1155

f /escolavoluntaria

Itaú Social

RB
RÁDIO BANDEIRANTES

**GRUPO
BANDEIRANTES**





Arquivo Rio Branco

diferentes casos e é preciso trabalhar em conjunto. Se recebermos uma criança com autismo avançado, não adianta falar que uma professora vai dar conta dela e de uma sala de aula com 20 crianças agitadas saindo correndo. É preciso um cuidador com ele. Outra situação se dá quando temos uma criança que possui limite no raciocínio lógico de matemática, por exemplo. Apesar de estar cursando o 9º ano, ela faz a matemática do 7º ano, pois é o possível para ela. Não adianta dar a do 9º ano que essa criança não consegue ou não passar a matéria da série abaixo que ela conseguiria para trocar por uma *historinha do chapeuzinho vermelho*. Mas isso dá trabalho, demanda tempo...”

O caso do deficiente auditivo ainda possui um agravante, a defesa pela atenção à fase da alfabetização dessas crianças é a questão do idioma, o qual sendo visual é a primeira língua para eles, com português sendo a segunda. Dentro da linguagem por sinais, a criança surda possui o vocabulário da sua idade compatível com a de uma criança ouvinte, diferente do que acontece quando se tenta impor apenas a língua portuguesa escrita.

Citando um especialista e referência no assunto, Sabine explica melhor: “Segundo Sassaki (2003), quando se trata de acessibilidade, por exemplo, precisamos pensar em suas diferentes dimensões (comunicacional, arquitetônica, atitudinal, metodológica e instrumental). No caso do aluno surdo precisamos garantir o desenvolvimento de linguagem nos primeiros anos de vida, como acontece com a criança ouvinte, e isso será possível se ela tiver um ambiente linguístico favorável, ou seja, for exposta a Língua Brasileira de Sinais - Libras, como primeira língua. O português, na modalidade escrita, será aprendido como segunda língua”.

A diretora complementa enfatizando a menção à importância de possibilitar a construção de linguagem. O tempo vai passando e a escola não pode esperar a criança ter 10 anos de idade para começar a ter um vocabulário bom e aprender a ter informações do mundo. Ela precisa desenvolver essa habilidade o quanto antes. “É preciso ter muito cuidado. Pois se existir um buraco nesse desenvolvimento, o tempo não volta atrás”, alerta.

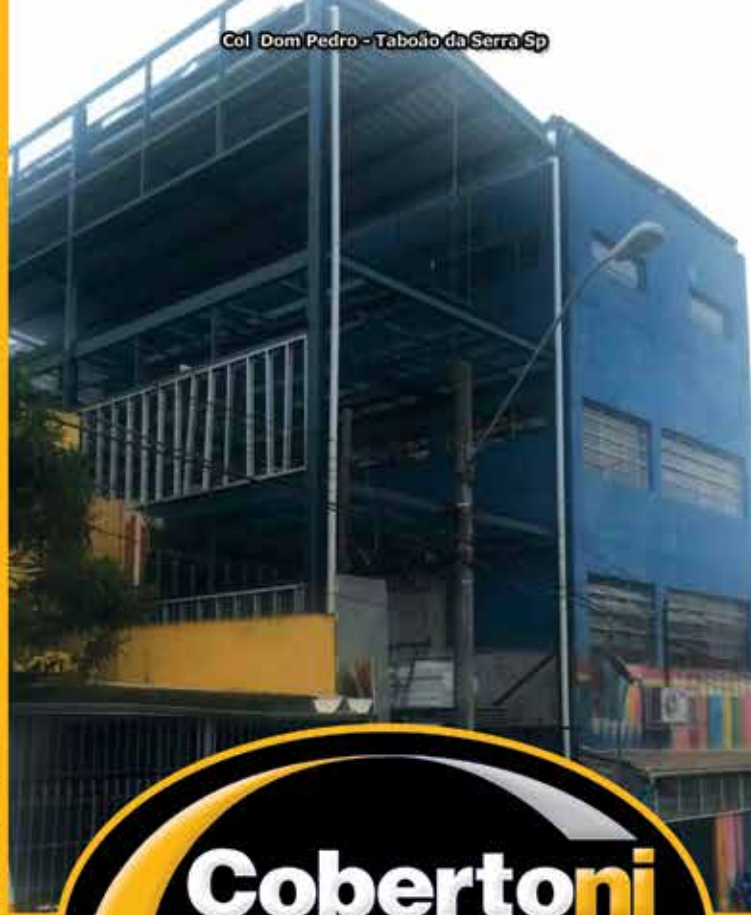
Sendo assim, não é porque a escola atende apenas crianças surdas da educação infantil ao 5º ano, que não se está incluindo com efetividade. Desta forma, o Rio Branco achou uma maneira de possibilitar que a criança floresça uma identidade nas primeiras fases, fortaleça essa identidade, tenha desenvolvimento social, emocional e linguístico compatível com sua faixa etária, podendo futuramente, exercer sua cidadania. Assim, quando essa pessoa estiver convivendo na sociedade que é majoritariamente ouvinte, irá conseguir se sentir capaz e atuante.

A Escola também conta com alunos que possuem outros tipos de comprometimentos e que também precisam de atenção. Cada aluno precisa ser avaliado junto de profissionais adequados, de acordo com a necessidade dele. O segredo para o bom resultado continua se mantendo em respeitar o tempo de aprendizado e limitações da criança. “Se eu tenho uma criança com atraso motor, ela precisa de um olhar específico para isso. Se essa criança está na aula de Educação Física e ela só consegue quicar a bola, ela é café com leite? Não. Ela >>>

Col Dom Pedro - Taboão da Serra Sp



Col Dom Pedro - Taboão da Serra Sp



Col Olivetano - Vila Matilde SP



Col Poliedro - São José dos Campos



Col Millenium Construtivo - Mogi das Cruzes



Col Prisma - Capão Redondo SP



Col Objetivo - Itapetininga Sp



Cobertoni

Estruturas Metálicas

**QUADRAS - GINÁSIOS - PISCINAS - PASSARELAS - GARAGENS - GALPÕES
PROJETOS ESPECIAIS - TENSIONADAS - FECHAMENTOS - MEZANINOS - RETRÁTEIS - ACM**

Col Escalada - Francisco Morato SP



Col Monfort Objetivo - Itaim Paulista SP



Col. Guilherme Miller - Diadema SP



Col São Mario Salesianos - Piracicaba SP



Col Vitta Vivace - Itaim Paulista SP




Col Alpha Omega - Artur Alvim SP



FÁBRICA

PIRACICABA - SP

 (19) 3434-1888
(19) 2532-2127

**ESCRITÓRIO
COMERCIAL**

 **SÃO PAULO - SP**
(11) 95600-1729



www.cobertoni.com.br
cobertoni@cobertoni.com.br



Arquivo Rio Branco

está fazendo o que é possível. Isso é algo que vamos desenvolvendo”, comenta a diretora.

Para Sabine, incluir é quando a escola possui esse tipo de olhar. Incluir em uma escola regular é entender que cada criança possui um ritmo de desenvolvimento e que cada uma delas aprende de uma forma diferente. O currículo precisa ser diferenciado. Ainda complementa, “A gente procura desenvolver o que tem de melhor em cada um, mas potencializando aquilo que ele tem de bom. Como ele aprende melhor? Qual é o canal que ele aprende melhor? Então é ter esse olhar para a individualidade de cada aluno, o que é complexo, porque as escolas priorizam determinado tipo de conhecimento, mas o mundo hoje é outro”.

Há quem diga que para todo esse lindo trabalho, também exista seu alto custo. Ninguém mente. Sim, há um preço. Mas também está na conscientização, no dever. Segundo a diretora do CES, é uma mudança na mentalidade das empresas; “A sociedade precisa entender que é assim. Por exemplo, quando vão fazer uma peça de teatro, e dizem que é caro contratar um interprete... Não faz parte o iluminador? Não faz parte o figurinista? Isso precisa fazer parte também. Em relação às escolas, isso tem custo? Sim..., mas é preciso pensar como algo que faz parte da sua planilha de gastos fixos e ponto. É como um arquiteto... se ele vai planejar um prédio,

ele precisa já planejar um edifício que não tenha barreira arquitetônica. Não adianta falar sobre custo depois”. A necessidade de adaptação sempre existiu. Ou seja, a organização financeira para receber os alunos com deficiência já deveria ter sido colocada em prática há tempos. Se isso não era uma desculpa antes de se falar sobre o assunto, agora que não pode ser.

Aliás, Sabine até cita diversos casos de sucesso sobre empresas que passaram a empregar pessoas com deficiência. Mesmo tendo um custo maior, acabaram até mesmo aumentando sua clientela, fazendo com que percebessem que ali existe respeito à diversidade e também alcançando outro nicho de mercado. Assim, cria-se o pensamento ideal para uma futura sociedade igualitária. “Se você contrata um surdo e ele é ruim, é por causa da deficiência dele? Não necessariamente. Quantas pessoas não contratamos e que de fato são ruins?”. E a Escola Inclusiva será o desenvolvimento base para a disseminação desse pensamento.

Produzindo vídeos e os postando na internet, o Rio Branco achou outra maneira de democratizar o que tem a oferecer. A escola sabe que uma pessoa de uma cidadezinha ainda com pouca estrutura e informação sobre o assunto, possui necessidades de acesso a essas coisas. Para esses educadores, o trabalho é todo de formiguinha em busca de conscientização

dia após dia. Tentando atingir ao máximo de receptores que conseguirem.

Em muitos textos sobre inclusão, fala-se que integração é coisa do passado. Ela de maneira solitária de fato é. Integração e inclusão são termos diferentes. Enquanto a primeira visa facilitar a adaptação da pessoa às estruturas já existentes na sociedade, a segunda busca transformar tais barreiras, para que a sociedade se adapte às possibilidades e necessidades originais de cada indivíduo. Porém, dentro de conceitos que se adequam ao de fora e ao de dentro, apesar de diferentes, ambos precisam se unir em prol da educação de um futuro cidadão do mundo. A diretora defende que o certo, não é colocar em uma redoma de vidro. E sim, ensinar a conviver com o seu problema, mostrando que ele é capaz de se virar. Sendo esse movimento duplo, que é dar todas as condições para que ele lute pelo o que é seu, mas que essa criança cresça um cidadão que saiba dos seus direitos e deveres.

“Não adianta falar só de benefícios, é empoderar o suficiente para que saiba o que se tem condições de fazer ou não. Incluir não é tratar feito coitadinho, é dar condições de desenvolvimento, para que então seja tratado como igual, com erros ou acertos”, Sabine completa sem deixar esquecer, “Só aprenderemos a conviver e respeitar os diferentes, quando convivermos com a diversidade”. ●

bett

educar

10-13 DE MAIO DE 2017
SÃO PAULO EXPO

RESERVE
A DATA NA
SUA AGENDA!

O Congresso Bett Brasil Educar 2017 tem novidades

Ao longo dos quatro dias do evento, oito auditórios terão 152 atividades organizadas segundo os eixos norteadores:

- ▶ Aprendizagem
- ▶ Práticas de Sala de Aula
- ▶ Formação de Professores
- ▶ Gestão
- ▶ Políticas Educacionais



Inovação, uso de tecnologia e inclusão são temas transversais aos cinco eixos norteadores.

A cada dia, um mesmo auditório trará palestras, painéis e debates sobre um tema específico, de forma a propiciar, ao congressista, visões e práticas alternativas, bem como o aprofundamento das discussões. Dada a grande procura e a avaliação positiva dos cursos de 4 horas de duração, em 2017 ampliaremos a quantidade e a variedade de temas.

**NOVIDADE
EM 2017**

Em breve
mais informações!

bett IES

Encontro de Instituições
do Ensino Superior



bett EDUP

Fórum de Educação Particular



AGENDE-SE E FAÇA PARTE
DESTE SHOW EM 2017

10% DE DESCONTO

Garanta 10% de desconto no Congresso de 2017 informando o código **BETTEDU10AUG**.
Mantenha-se atualizado pelo site www.bettbrasileducar.com.br



INFORMAÇÕES PARA RESERVAS DE ESTANDE:

Tel: (11) 3372-7272 - R: 0050

E-mail: contato@bettbrasileducar.com.br

www.bettbrasileducar.com.br

CHANCELA

siESP

REALIZAÇÃO



REVISTA OFICIAL

EDUCAÇÃO

ACOMPANHE NOSSAS REDES SOCIAIS



/BettBrasilEducar



@EducarBett



EDUCATIVIDADE: A EDUCAÇÃO DO FAZER ACONTECER

Início esse artigo socorrendo-me da experiência comprovada do Professor Jorge Matos (**)¹, cuja criação desse conceito, “**EDUCATIVIDADE: A EDUCAÇÃO DO FAZER ACONTECER**”, será de vital importância para as conclusões desse novo entendimento.

Depois de ter tido a oportunidade de conhecer, compreender e experimentar a educatividade, na prática do saber fazer para acontecer, ousou mesclar minha visão e experiência de mercado, somada aos mais de 17 anos de vivência no cenário acadêmico, empresarial e varejo, comprovando assim, sua eficácia como vetor transformador e gerador de novos conhecimentos. Esse novo conceito, de acordo com seu criador, pode ser consolidado e estruturado de maneira consistente ao processo de educação no Brasil, agregando à cognição, duas variáveis imprescindíveis: *comportamento* e *habilidade*, por dotar da importância desejada que o diferencial da educação tradicional, que na prática, tem alcançado apenas a transferência de conhecimento, o que, de *per se*, não acumula e não será riqueza educacional. Tal condição, a

transferência somente de conhecimento, apenas expõe a oferta de profissionais oriundos do mundo acadêmico, com muitas dificuldades de inserção no mercado de trabalho, não pelo muito empoderamento do conhecimento, um fato, mas por um comportamento inadequado e uma habilidade menor que a necessária para um desempenho de alta efetividade. A ideia citada no artigo referenciado – indutor das reais perspectivas evolutivas – e defendidas, não menos pelo educador, Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia*, enfatiza - “nenhuma escola conseguirá fazer mais por um aluno do que a sua decisão pessoal de se desenvolver, de crescer, de aprender, de adquirir conhecimentos”. - é como muito de seu legado, ainda real e aderente à necessidade atual, que me permite levá-lo ainda hoje, a uma compreensão ampla e melhor instrumentalizada dessa necessidade de fazer esse aluno decidir se desenvolver. **Assim, convido-o a reflexão imposta por uma indagação de natureza originária para tal vexata quaestio: Estamos produzindo cabeças pensantes ou cérebros reducionistas em seu conteúdo?**

Cenário Brasil

O Brasil vivencia a tendência de redução do analfabetismo e crescimento da escolaridade, (pesquisa realizada pelo IBGE², no período de 2007 a 2014). Também uma busca desenfreada por cursos profissionalizantes (pesquisa CNI/IBOPE -2014)³. Esse resultado *atesta primeiramente que: a educação não atende de forma suficientemente as expectativas do educando, nem mesmo do mercado contratante. Também reforça que a educação ainda trilha por caminhos tradicionais, entregando profissionais pouco preparados para o mercado de trabalho, ao ponto de necessitar de imediata busca complementar (saber fazer) na educação profissional, expondo hiatos entre a trilha do saber e a do fazer, com realce discrepante entre o que é ensinado, o que é aprendido e o que é retido.*

Conheça os Profissionais que abastecem o Mercado

Os **CAÓTICOS** são em grandes quantidades. Não possuem o mínimo de conhecimento, comportamento e habilidade para exercerem suas funções. Os **TEÓRICOS**



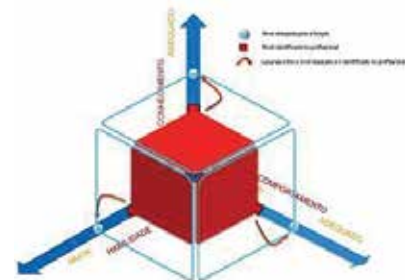
caóticos, teóricos, enrolões e habilidosos, afim de, aumentarmos os competentes e talentosos?² Inverter a ótica da formação, olhando para o mercado e então formando talentos que atendem sua demanda.

O que as Organizações buscam

Profissionais PRODUTIVOS, que imprimam um comportamento adequado ao cargo no qual se dispõem a exercer. Isso quer dizer, com um *nível de habilidade suficiente para ser proficiente* nas atividades inerentes, gerando entregas esperadas pelo aspecto cognitivo, com qualidade aperfeiçoada pela prática do saber fazer e um comportamento adequado aos cenários inerentes de um negócio suscetível as ondas de mercado. Isso porque precisam de profissionais que agreguem valor, inovem processos, se relacionem positivamente com seus pares e com o mercado, além de possuir plena noção de prazos e foco em resultados, garantindo assim, a subsistência e permanência dessas organizações no mercado. Em cenários de crise, podemos adicionar com muita tranquilidade também o desejo de profissionais que saibam lidar com pressão, recursos escassos e, que sejam capazes de projetar um pensamento crítico e um comportamento pró-ativo (atitude), para assim, gerar mudanças necessárias à retomada do desempenho organizacional, com novas formas de fazer o que se sabe para elevação dos resultados. Por isso, as organizações buscam profissionais de ALTA PERFORMANCE, aqueles que absorveram o conhecimento cognitivo, reconhecendo sua significância, ao ponto de gerar uma atitude de querer fazer e uma habilidade de fazer acontecer, operacionalizando o conhecimento na prática. Para uma melhor compreensão vou conceituar:

- *Alta Performance*: o atender ou superar expectativas. Possuir um ótimo desempenho; b) - *Atitude*: todos os movimentos e sentidos de uma pessoa (o pensar, o falar, o ouvir, o sentir, o movimentar-se, o permanecer parado). Diante de conceitos tão subjetivos, buscou-se com o apoio da **psicometria** provar que a parametrização da tendência do comportamento é possível e capaz de quantificar a atitude de PÉSSIMA performance até o outro extremo, da atitude de EXCELENTE performance⁵. Também, o fato de que com apenas três fatores poderia se construir os alicerces da atitude de alta performance, no qual chamou de **CUBO DE COMPETÊNCIAS** (figura à direita), composto pelo tripé conhecimento, comportamento e habilidade. Este passou então a funcionar a partir das necessidades da organização, onde a arquitetura do cargo passa a ser construída considerando o nível de conhecimento necessário (escala insuficiente a suficiente), o tipo de comportamento esperado (inadequado ou ade-

quado) e o grau de habilidades desejadas (pouca até muita) para o desempenho de alta performance do cargo. Diante dessa análise, concluiu-se que, ao considerar que o cubo azul é a representação do tamanho do cargo e o vermelho o tamanho do indivíduo, e a diferença entre um e outro são os “gaps”, a organização precisa desenvolver potencializando as faltas ou comprimindo os excessos, de forma a considerar os tais “gaps” um fator relevante para que o indivíduo gere as entregas esperadas para o cargo em questão. Ainda⁶, em organizações que passaram a aplicar esse conceito, foi constatado que: a) *conseguiram elevar os níveis de conhecimento do indivíduo gerando novas competências ou potencializando as já existentes, através de capacitações e desenvolvimento cognitivo;* b) *conseguiram elevar o nível de habilidade naquilo que os indivíduos já sabiam fazer, promovendo condições para que pudessem fazer mais vezes, aperfeiçoando pela repetição;* c) *não conseguiram mudar o comportamento desses indivíduos;* d) *as pessoas consideraram ser mais fáceis aprender novos conhecimentos a mudar comportamentos.* Diante desse fato, tornou-se claro que os docentes precisam: aprender a compreender o indivíduo pelo seu talento e não pela sua fraqueza e saber medir suas potencialidades para canalizá-las para o seu saber, visando um contexto de significância e aderência ao ser. Isso para compreender o modo de como potencializar o saber fazer, contrapondo ao ser oprimido, que desejará ser o opressor, ou mesmo, para promover a suspensão da mecanização do conhecimento a fim de permitir que seja de fato a trilha para receber e produzir conhecimento.⁷ Mas para que isso seja uma realidade, a relação entre docente e discente precisa ampliar seu eco, desenvolvendo um indivíduo, em um ato contínuo e inacabado, capaz de engajá-lo num pensamento crítico que o faça se perceber (autoconhecimento), para então, compreender a sua realidade e a do outro (condição de medir o outro pelas competências dele e não pelas suas próprias = maior tolerância e cooperação), como um processo e não como meio depositante de verdades absolutas, acabadas e impostas na intolerância da supressão dialógica. >>>



parecem possuir todo o conhecimento do mundo e uma quase total incapacidade de fazer as coisas acontecerem. São verdadeiras “bibliotecas ambulantes”, geralmente saídas das melhores faculdades. Os **ENROLÕES** fazem parte do grupo que não está nem aí para os conhecimentos e habilidades. Estudar e praticar, para eles, é uma perda de tempo. Os **HABILIDOSOS**, à primeira vista, são excelentes profissionais, pois geram resultados os quais a organização precisa. O problema deles está no fator mudança, pois perde o norte e não mais o encontra. Finalmente temos os **COMPETENTES**. Estes provavelmente possuem os conhecimentos (ou estão buscando), os comportamentos (ou estão se esforçando) adequados e as habilidades para a função. Produzem e geram os resultados desejados pelas organizações. Entre os competentes, há um grupo muito especial que podemos chamar de **TALENTOSOS**, pois, além de possuírem os conhecimentos e comportamentos adequados, trabalham com maestria e prazer, estando em perfeita sintonia com a vida e sua empresa. **O que fazer para eliminar ou diminuir ao máximo a existência dos**



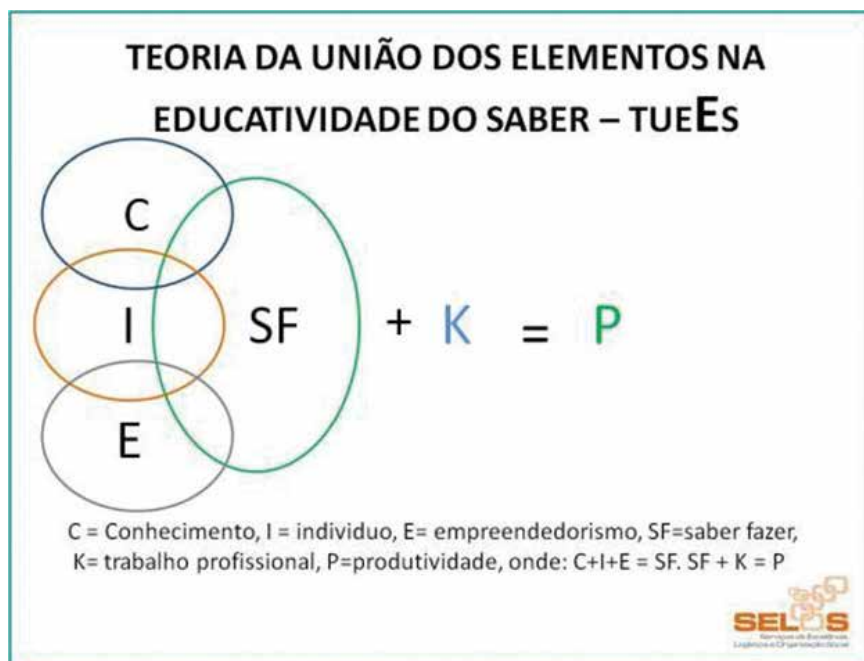
Uma Nova Proposta Pedagógica – A EDUCATIVIDADE NA ÓTICA DA TUEES - TEORIA DA UNIÃO DOS ELEMENTOS NA EDUCATIVIDADE DO SABER⁸ (a Fórmula Minimalista do Saber).

Face aos argumentos expendidos e transcritos em sua essência pela criação do método Educatividade, efetivo minhas argumentações adicionando a EDUCATIVIDADE à fórmula que ora denomino de **TEORIA DA UNIÃO DOS ELEMENTOS NA EDUCATIVIDADE DO SABER – TUEES⁹**. Acompanhe o desenvolvimento de meu raciocínio, a seguir. Vejamos: Se o indivíduo (I) retém o saber (S) na sua fase cognitiva, para fins de almejar o trabalho (K) seu alvo laboral, bastaria à junção nestes, do elemento conhecimento (C). Errado, pois, hodiernamente, Indivíduo (I) se forma com a teoria/Conhecimento (C) na busca de projetar-se profissionalmente (K), sem a expectativa do sucesso a que suas perspectivas almejam, pela simples falta do “Saber Fazer (SF)”, tornando-se um indivíduo teórico e improdutivo, participante dos indicadores de desemprego. Certo seria, então, para incutir no seu projeto profissional (K) o elemento empreendedorismo (E) para resultar no Saber Fazer (SF), que somado a oportunidade de trabalho mostra-se pronto para agregar valor à organização, e assim, torná-lo um indivíduo Produtivo (P) para o mercado contratante, com a simples intersecção dos elementos, conforme ilustração ao lado.

Teríamos assim, num ato de união e intersecção uma educação com significância capaz de promover a retenção do conhecimento pelo querer do indivíduo, deixando de avolumar as taxas de “turn over” das organizações e as taxas de desemprego no mercado profissional¹⁰. A ausência da união

e intersecção desses elementos (C= Conhecimento, I= indivíduo, E= empreendedorismo, SF=saber fazer, K= trabalho profissional), na base da educação é a razão pelo qual as escolas enfrentam a dificuldade de cumprir o papel da formação do pensamento crítico, capaz de tornar esse indivíduo livre para provocar mudanças e gerar novos conhecimentos, quanto seus novos papéis. O modelo atual de educação, apesar dos novos esforços, continua gerando velhos resultados, pois se mostra ainda opressor, nivelando indivíduos e conhecimento. A educação diante desse novo conceito passará a nivelar apenas a percepção do ser ao seu próprio talento. Seus agentes se tornam canal facilitador do saber fazer, para diferentes tipos de indivíduos, preparando-os de fato para

o ambiente mercadológico. Adirir a **TEORIA DA UNIÃO DOS ELEMENTOS NA EDUCATIVIDADE DO SABER – TUEES** é aplicar a EDUCATIVIDADE para o reconhecimento de diferentes talentos e potencialização para os diferentes saberes (vivencial) e inteligências (multifocais), gerando assim, o saber fazer e o fazer acontecer, condição tão esperada pelas organizações e nossa sociedade, mas ao mesmo tempo tão escassa. É notório que os índices de desemprego e “turn over” não carregam sozinhos o peso de um modelo educacional fragilizado, pois para melhor justiça, precisamos associá-los também ao modelo político, à crise econômica e sem dúvida, à comoditização na educação. Contudo, é necessário que a educação torne-se a melhor alternativa para fomentar novos >>>



Atende às necessidades de acesso e segurança em sua instituição



A simplificação dos processos de pagamento no campus representa um dos desafios mais comuns nas instituições educacionais. Sabemos que a facilidade de operação, controle de consumo e acessibilidade são vitais para o desenvolvimento desse processo.

A solução da Ricoh, o EDU Card, foi concebido para ajudar às instituições educacionais a se tornarem centros modernos de ensino, com políticas de BYOD (sigla em inglês para Traga seu próprio dispositivo), controles de acesso a portas, estacionamentos e armários, entre outras vantagens.

Principais Benefícios:

- Controle do consumo de fácil utilização para o usuário ou departamento.
- Acessibilidade em todo o campus. É possível escolher cartões com chip, cartões de aproximação, códigos PIN ou dispositivos móveis. Controle de acesso a portas, estacionamentos e armários, entre outros.
- Uma única plataforma para simplificar a experiência do usuário.
- Rapidez no processo de pagamentos em restaurantes e integração possível com máquinas de venda automática.
- Recarga de cartões em pontos localizados no campus ou por meio da Internet.
- Integração de cartões atuais



Nossas soluções incluem:



Soluções de digitalização de documentos físicos e impressão móvel de e para a nuvem.



Relatórios automatizados e em tempo real de consumo e despesas.



Ofereça melhores serviços com a possibilidade de carregar o valor no centro de custo com facilidade e segurança.



Integração de documentos a repositórios tradicionais como DropBox, Google Drive e Blackboard, assegurando melhores sistemas de informação, mobilidade e disponibilização de conteúdos.



Campus Print, Color Coverage Analyzer, Quiosques de impressão, ICE Education Package, Serviços assistidos, Centros de impressão.

modelos de gestão pública e aquecer o empreendedorismo de formação, não o de balcão, e assim, acenar para uma recuperação econômica e social a médio e longo prazo mais sustentável e sólido.

Votamos então à gênese do problema: O que queremos produzir, cabeças pensantes ou cérebros reducionistas em seu conteúdo?

Certamente, condições para a formação de cabeças pensantes. Para isso, não basta agir em parte, pois todos precisam ser alcançados e integralizados na união e intersecção dos elementos relativos aos valores e as buscas dos empresários, das escolas, dos professores, dos alunos e porque não dizer de seus pais. Para isso, torna-se importante:

- Instrumentalizar e preparar adequadamente os professores para que sejam facilitadores do saber, orientadores do comportamento e promotores de maiores habilidades no ambiente acadêmico;

- Disponibilizar o autoconhecimento para que indivíduos e todos os agentes possam adequar suas necessidades pela perfeita compreensão do comportamento e potencialização dos seus talentos, realçando a importância disso para os pais;

c) reconhecer e respeitar a inteligência Multifocal, além de ajudar esses talentos a entender seu tipo de inteligência, produzindo modelos que gerem inclusão pela significância e não evasão por falta de aderência individual;

- Instrumentalizar escolas para que possam operar e fomentar competências tanto para o mercado quanto para um projeto de vida, e não somente para meras e complexas aprovações;

- Alinhar conteúdo à realidade de mercado para que seja eliminado o hiato existente entre esses dois mundos, educacional e profissional;

- Levar o dinamismo empreendedor para as escolas de forma que possam colocar em prática seus talentos e testar suas habilidades;

- Conectar canais que agreguem conhecimento para a empregabilidade, seus desafios e tendências de forma a motivar as inovações;

- Demonstrar que organizações preferem profissionais com comportamento



adequado ao profissional que acumula grandes conhecimentos, mas não sabe como lidar com as pessoas ao seu redor.

Por que isso? Como as organizações conseguem apenas desenvolver competências técnicas, as comportamentais precisam ser associadas ao trabalho e as pessoas, razão que mercado, educação e famílias precisam alcançar a união e intersecção dos elementos para uma efetiva orientação social e profissional. Afinal, as organizações precisam cada vez mais contratar pelo comportamento e experiências vivenciais (empreendedorismo e habilidades de mercado) e não somente pelas competências técnicas.

EDUCATIVIDADE CONVERGINDO O SER PARA PODER SER (TEORIA DA UNIÃO DA EDUCATIVIDADE DO SABER - TUEES)

A Teoria TUEES permite o Ser (indivíduo) poder **ser (poder) brilhante (feliz)** quando a EDUCATIVIDADE se associa a experiência empreendedora, pois extrapola o ambiente educacional e a condição cognitiva. Ela promove o alcance do Ser (indivíduo), no seu ambiente individual, familiar, social e profissional, permitindo

que se posicione de maneira atitudinal, como um Agente Crítico, e operacional, como um Agente Gerador de mudança e transformação. Também conduz a potencialização do seu talento como força e não como expropriação do seu saber. Tem o poder de conectar seu talento a pontes do conhecimento cognitivo, gerando assim, a significância experimental da formação à prática empreendedora, aplicada a qualquer campo da atividade humana de seu interesse, no desenvolvimento da autoconsciência geradora de habilidade para o know-how. A EDUCATIVIDADE, a educação “FAZER ACONTECER”, integralizada ao “PODER SER (TUEES)” é assim, o melhor caminho para tornar o capital intelectual, instrumento transformador de resultados mensuráveis na sociedade, no mercado de trabalho, na família e no próprio Ser. Pense nisso! ●



Andréa Antinoro
CEO da empresa Selos Consultoria, Sócia da TWC – Trade Work Consulting, administradora, pós-graduada em gestão empreendedora (PUC-Paraná), certificada em psicometria, analista de mercado responsável por pesquisas do sistema S (Fecomercio, SEBRAE, SENAI, SESC) entre outras entidades, privadas e terceiro setor, consultora especializada em gestão organizacional. (www.selosconsultoria.com.br).

As empresas SELOS e ETALent mantém parceria na divulgação e comercialização do método exclusivo criado e denominado Educatividade: A Educação do Fazer Acontecer.



Jorge Matos
Mestre pela FGV e CEO da Etalent e professor de varias entidades educacionais.

1 - CEO da Etalent e Professor da FGV

2 - <http://brasilemsintese.ibge.gov.br/educacao.html>

3 - <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2014/02/brasileiros-apostam-na-educacao-profissional-para-abrir-portas-ao-mundo-do-trabalho>

4 - Texto extraído com adaptações do Artigo Educatividade por Jorge Matos

5 - Conceito do Professor Jorge Matos

6 - Pesquisa realizada nos workshops aplicados pela Etalent

7 - Inspirado na Pedagogia da Autonomia – Paulo Freire

8 - Teoria da União dos Elementos na Educatividade é a teoria desenvolvida por Andrea Antinoro em teste no ambiente varejista e registrada em ambiente acadêmico.

9 - A presente teoria em nada altera, e nem poderia, a fundamentação e criação do processo Educatividade, mas com ela, agrega valor e integração a sua finalidade.

10 - Índice acumulado de desemprego nos últimos sete meses de 11,6%, podendo alcançar 12,5% até o final do ano. O Brasil ocupa a 7ª posição de maior índice de desemprego, segundo Ranking global de desemprego - (Base: Jun-Jul/2016)

Os processos de matrícula da sua escola são complexos e ultrapassados?

Conheça a **Matrícula Rápida em 7 Passos** da Linha Eduxe.
Mais comodidade e praticidade para os pais.
Maior retenção de alunos para a sua escola.



Conheça mais funcionalidades em
www.eduxe.com.br

Acesse nossas redes sociais:

📘 facebook.com/eduxeweb

📷 instagram.com/eduxe_

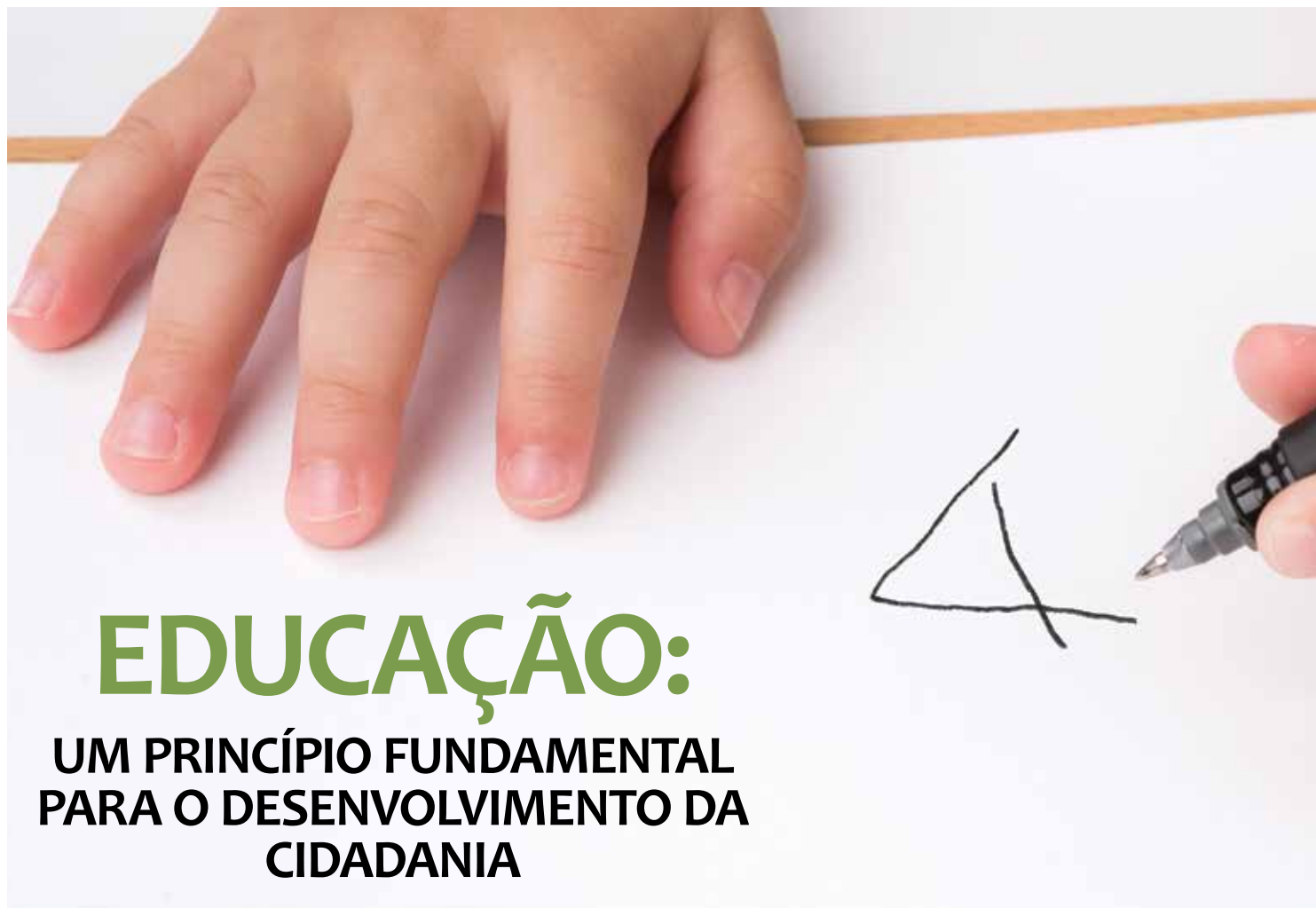


Experimente grátis.

Utilize o Qr Code ao lado
ou acesse nosso site.

+55 11 5632.3666
relacionamento@qts.com.br





EDUCAÇÃO:

UM PRINCÍPIO FUNDAMENTAL PARA O DESENVOLVIMENTO DA CIDADANIA

Um dos investimentos mais promissores feitos em um país é o investimento em Educação, uma educação de qualidade. É a Educação que garante o desenvolvimento social e tecnológico. O oposto também é verdadeiro, sem investimento neste campo o futuro de uma nação fica extremamente comprometido.

De acordo com Leontiev, “todo homem nasce candidato a ser humano, mas somente se constitui humano ao se apropriar da cultura produzida pelos homens. O processo de apropriação da cultura humana é resultado da atividade efetiva do homem sobre os objetos do mundo circundantes mediado pela comunicação. Logo, é na relação com os objetos do mundo, mediada pela relação com outros seres humanos, que a criança tem a possibilidade de se apropriar das obras humanas e humanizar-se”. (RIGON, 2010, p.27)

Para a criação do alfabeto foram necessários mais de dois mil anos, porém, apenas no século XI a.C. os chineses começaram a imprimir livros e em 1451 Johannes Gutenberg imprimiu o primeiro livro na Europa, possibilitando o acesso do ocidente à leitura. Entretanto, foi somente no século passado que o processo

A elaboração significativa e contextualizada das atividades gera motivação intrínseca

de informação começou a acelerar. Depois disso, o mundo passou a dispor de um extraordinário volume e troca de informações promovendo um grande desenvolvimento tecnológico resultando no mundo digital.

É provável que não haja mais investimento na impressão de uma enciclopédia porque na semana seguinte ela já estaria praticamente desatualizada. Atualmente, ela só terá validade se for eletrônica em decorrência do processo dinâmico na produção de conhecimento.

Desta forma, é fundamental que tanto a escola, como os educadores busquem uma atualização constante. Paro (2015) justifica o quanto surpreendente constatar que, apesar de todo o desenvolvimento das ciências da Educação, especialmente no último século, a concepção que estrutura a escola básica em todo o território nacional ainda é a visão ingênua do senso comum, segundo a qual os conhecimentos são “transmitidos de forma linear de quem educa para quem é educado. Essa forma de ensinar não funciona”, argumenta. (p. 64)

Na perspectiva vigotskiana (2001), a criança se desenvolve ao transformar conceitos espontâneos adquiridos na primeira infância em conceitos científicos decorrentes do processo de escolarização. Para ele, “o processo de desenvolvimento dos conceitos ou significados das palavras requer o desenvolvimento de toda uma série de funções como a atenção arbitrária, a memória lógica, a abstração, a comparação e a discriminação, e todos esses processos psicológicos sumamente complexos não podem ser simplesmente memorizados, simplesmente assimilados”. (p. 246)



freepik.com

Por isso, do ponto de vista psicológico, dificilmente poderia haver dúvida quanto à total inconsistência da concepção segundo a qual os conceitos são aprendidos pela criança em forma pronta no processo de aprendizagem escolar e assimilados da mesma maneira como se assimila uma habilidade intelectual qualquer.

Além do conhecimento das ciências, propriamente ditas, há o conhecimento advindo das artes; dos valores morais, éticos, estéticos e políticos, ou seja, o que o homem produziu em seu percurso histórico. Afinal, é a partir da mediação com a cultura e das relações humanas que crianças e jovens tem a possibilidade de desenvolver plenamente suas potencialidades físicas, morais e psíquicas.

Contudo, na argumentação de Paro (2013), a criança só aprende se quiser, por-

tanto é necessário que ela seja motivada pela escola e pelos educadores a aprender, ou seja, que ela desenvolva motivos para aproximar-se do conhecimento.

O tema motivação e aprendizagem tem sido objeto de investigação de muitos pesquisadores nos últimos anos e o problema relacionado à falta de motivação de alunos em relação ao objeto da aprendizagem escolar representa um dos maiores desafios da educação.

Motivação é o conjunto de estímulos que move o indivíduo em direção a uma ação. A motivação faz com que as pessoas, além de acreditarem mais nas suas próprias capacidades e habilidades, recuperando-se melhor e mais rápido dos fracassos, não se prendendo a expectativas de frustração, fazendo ainda com que realizem suas tarefas da melhor forma

possível, entendendo a importância do processo de aprendizagem. O sentimento de segurança que adquirem tem um grande valor estimulante.

No processo escolar há dois tipos de motivação: a motivação intrínseca, aquela que é produzida no interior do indivíduo e a motivação extrínseca estimulada por fatores externos como: prêmios, notas, pontos adicionais, elogios, etc., uma estratégia promotora de recompensas denominada meritocracia. Este tipo de estratégia tem sido alvo de questionamentos entre educadores. Em geral, os críticos do uso de recompensas argumentam que elas podem comprometer o interesse que o indivíduo venha a desenvolver na aprendizagem escolar, tornando-o refém, dependente de um procedimento, de certa forma, mercantilista.

No processo de escolarização em boa parte das escolas, o aluno não está preocupado se está aprendendo, o sentido do que está aprendendo, mas sim, que nota terá e em que disciplina irá ficar com ou sem média, na alegação de Sousa (1995). Isto se deve ao fato de que a aprendizagem deve ter um sentido e um significado para o educando, o que não acontece no processo de memorização com as tarefas repetitivas e conceitualmente fora de contextos que afastam o aluno do conhecimento.

Nesse processo, o estudante se torna dependente e passa a ter pouca autonomia sendo incapaz de sustentar sua motivação para aprender baseada no prazer ou nos sentimentos positivos que poderiam advir do aprendizado em si, ou seja, da motivação intrínseca.

A elaboração significativa e contextualizada das atividades gera motivação intrínseca. O progresso é mais rápido quando os alunos reconhecem que a tarefa coincide com os seus interesses imediatos.

Assim, cabe ao professor (a), com todo o seu repertório e bagagem experiencial promover novos motivos desejáveis, mas também explorar convenientemente os muitos que estão presentes em cada educando para que este se torne um cidadão pleno e possa contribuir com uma sociedade mais justa e humana. A cidadania é o requisito fundamental para o desenvolvimento de uma nação. •

PARO, V. H. Educação como exercício do poder: crítica ao senso comum em educação. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2013.

_____. Diretor Escola: educador ou gerente. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

RIGON, J. A. de et al. Sobre o processo de humanização. In: MOURA, Manoel Oriosvaldo (Org.). A atividade pedagógica na teoria histórico-cultural. Brasília: Liber, 2010. p. 27.

SOUSA, S. Z. O carácter discriminatório da avaliação do rendimento escolar. Revista Adusp, São Paulo, 1995.

VIGOTSKI, L.S. A formação do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.



Lucy Duró Matos Andrade Silva
Pedagoga, Psicopedagoga,
Especialista em Medicina
Comportamental pela
Universidade Federal de São
Paulo e Mestranda em Psicologia
Escolar e do Desenvolvimento

Humano pelo Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo.



freepik.com

ENSINAR A LÍNGUA ESCRITA JUNTO AO APRENDIZADO DE LER E ESCREVER

Não temos como negar que as práticas de produção textual, de leitura e análise de diferentes gêneros textuais têm sido uma realidade presente em grande parte do universo escolar brasileiro. Então, por que continuamos nos sentindo impotentes perante a inconsistência linguística de nossos (as) alunos (as), seja no Ensino Fundamental, seja no Ensino Superior?

Quem atua no magistério percebe a grande dificuldade enfrentada diante da solicitação de qualquer tipo de produção textual. Alunos e alunas estão sempre tentando descobrir o que o (a) professor (a) quer ler para que possam realizar com sucesso o jogo da escola: devolver o discurso exposto em aulas e agradar a ponto de receber uma boa nota! Todavia não é diferente a situação de professoras (es) quando colocados em situação similar. Um clima de desconforto se instala e as desculpas pela qualidade (ou às vezes, pela ausência) da escrita são inúmeras. E, nos dois casos, de professoras (es) e de alunas (os) a raiz do problema é a mesma: a escola brasileira teve dificuldades em garantir a

apropriação da língua escrita para quem por ela transitou.

Isso nos leva a requestrar duas relevantes discussões. A primeira, mais evidente e grave, seria: quem não é leitor frequente e não escreve com um mínimo de clareza, coesão e objetividade pode mediar com competência à aquisição da língua escrita? A segunda, sem dúvida a mais importante nesse momento de reflexão: em o que a escola tem falhado e quais ações poderiam ser implementadas para a solução do problema a curto e médio prazo?

A resposta às duas indagações parece óbvia e, também tem sido corriqueira: formação desse profissional! De qualquer forma, não poderia ser qualquer formação. A maneira mais viável de obter êxito nesse processo seria contribuir para que o (a) professor (a) compreendesse, de fato e de uma vez por todas, a função e a importância da escrita na sociedade e na formação direta do sujeito. Ao compreender esse macro conceito tão bem colocado por Bakhtin (que o homem se

constitui via linguagem), evidenciar-se-ia o quão ineficiente é nosso trabalho em sala de aula com relação “ao ensino” da leitura e da escrita. Somente de posse de tal entendimento seria possível conceber a escola como responsável por ressignificar as práticas sociais da escrita para sujeitos que, muitas vezes, pelo fato de viverem em condições insulares, social e economicamente, jamais teriam acesso se não fosse através de um sujeito educador, politicamente comprometido com essa questão, e que também percebesse a instituição na qual atua como única agência de letramento para os que por ali passarem. Isso compreendido, presume-se que o encaminhamento metodológico, então, se afastaria da classificação, do estudo da metalinguagem e das produções textuais sem função social.

Tal ação pedagógica só poderia ser conseguida através da formação em serviço, isto é, no bojo da prática pedagógica, utilizando com esses profissionais o mesmo conceito que tanto se enfatiza com relação à aprendizagem das crianças. >>>



Maximize o potencial da sua escola com o sistema **SophiA**

Integre informações de diferentes setores e otimize as atividades dos seus colaboradores. Nossas soluções são especialmente desenvolvidas para apoiar a administração de escolas de ensino regular.

Completo e fácil de usar, o **SophiA Gestão Escolar** reúne, organiza e compartilha informações, agiliza processos e aprimora a qualidade dos serviços prestados por todas as áreas da instituição. Listamos somente alguns dos principais benefícios para você. Confira:



Quer saber mais sobre o SophiA?
Agende uma apresentação com um dos nossos consultores!

0800 55 7074 | vendas@prima.com.br



freepik.com

É urgente salvar a pedagogia da leitura de seu pecado original: ignorar o que é a leitura

Para Vygotsky : É atuando no nível proximal de desenvolvimento que o professor encontra espaço para sua intervenção: constatando o que a criança já consegue realizar sozinha, ele partilhará com ela seus conhecimentos, auxiliando-a a realizar tarefas cada vez mais complexas.

Faz-se necessário perceber quais reflexões esse sujeito educador já encaminha junto a seus alunos e construir, com ele e com os alunos, um aporte sensibilizador para a compreensão de que a leitura e a escrita que o aluno produz na escola não pode ser da escola e nem para a escola.

É necessário que os textos propostos para reflexão em sala de aula (orais e escritos), sejam tomados como fator de interação, de informação, de reflexão e de posicionamento dos sujeitos no mundo, tanto do autor como do leitor. Em outras palavras, praticar o ensino da língua tendo o gênero como instrumento de ensino significa levar o aluno a entender, para além de perceber sua estrutura gramatical, principalmente sua intencionalidade e suas condições de produção. Nenhum texto, tenha o gênero que tiver, é uma peça isolada, apartidária ou independente. E cabe à escola auxiliar os sujeitos

a estabelecerem relações do lido com tudo o que já foi vivido, experimentado ou conhecido no cotidiano viver. O foco, portanto, de todas as reflexões referentes à leiturização deve ser as práticas de uso da língua em diferentes atividades humanas, não leitura e produção de texto sobre qualquer questão fictícia ou sem sentido para aqueles que estão lendo e produzindo naquele momento nas salas de aula. Ou, nas palavras de Tolchinsky “... não é a aquisição do sistema de escrita em si que desenvolve o intelecto, mas seu uso em uma multiplicidade de funções. A escrita afeta a nossa maneira de pensar nos processos de leitura, nas associações, na discussão e na produção de textos”.

Dessa forma, tal qual o encaminhamento proposto às crianças nas diretrizes mais amplas de nosso país e do mundo, os profissionais da educação (de todas as áreas de ensino) deveriam ter sua formação pautada no uso (leitura), na reflexão (análise da estrutura textual) e no uso (produção com função social) da língua escrita em tempo integral.

Assim como já sabemos que não conseguimos ensinar às crianças a ler apenas propondo perguntas escritas depois da

leitura de um texto lido, não será através da mesma prática que nossos educadores irão se formar bons leitores e produtores textuais competentes.

Se a prática de “interpretação” de texto fosse eficiente, os resultados dos exames nacionais e internacionais, como ANEB (Avaliação Nacional da Educação Básica, antigo SAEB) INAF, ENEM, ENADE e PISA, não seriam tão decepcionantes.

Quem vivencia de perto o cotidiano de unidades escolares sérias, que se esforçam para dar conta das duas dimensões de trabalho (formação de professores e organização metodológica seguindo critérios das diretrizes emanadas do MEC) percebe que tarefa para os alunos e trabalho para os professores é o que não faltam. Todos são sobrecarregados de afazeres que, muitas vezes, não levam a ampliação da competência linguística. Em alguns casos, o que ocorre é aquele “ativismo cego” de que nos falava Paulo Freire.

É urgente salvar a pedagogia da leitura de seu pecado original: ignorar o que é a leitura. Ela é, sobretudo, a construção que advém de um desvelamento, possibilitado por uma penetração que, por sua vez, foi proposto por uma investigação. >>>



CARO GESTOR ESCOLAR,

VOCÊ SABE QUAL O IMPACTO QUE AS ALTERAÇÕES NA REGRA DO SIMPLES NACIONAL PODE CAUSAR NA SUA ESCOLA?

OU QUE AGORA VOCÊ PODE PARCELAR AS DIVÍDAS DA ESCOLA EM ATÉ 120 MESES?

LIGUE PARA A B.W. CONTABILIDADE E ENTENDA COMO ISSO É POSSÍVEL. NÓS IREMOS ORIENTÁ-LO E AJUDAR A DESENVOLVER A MELHOR ESTRATÉGIA PARA SUA ESCOLA EM 2017

ASSESSORIA EM CONTABILIDADE GERENCIAL NAS ÁREAS CONTÁBIL, FISCAL E TRABALHISTA ESPECIALIZADA EM ESCOLAS PARTICULARES

VEJA COMO A B.W. CONTABILIDADE PODE AJUDAR NA GESTÃO DA SUA ESCOLA

ALÉM DA EXECUÇÃO DE TODAS AS ROTINAS DAS ÁREAS COM MÁXIMA QUALIDADE E EFICIÊNCIA, SUA ESCOLA TAMBÉM CONTA COM O SUPORTE E APOIO DE MAIS DE 70 COLABORADORES ALTAMENTE ESPECIALIZADOS NA ÁREA EDUCACIONAL.

VEJA O QUE AS INFORMAÇÕES E RELATÓRIOS GERENCIAIS CONTÁBEIS IRÃO FAZER PELA SUA ESCOLA:

- Aumento da eficiência de todas as funções da Gestão
- Apoio na tomada de decisão e definição de metas e preços
- Desenvolvimento de análises e planejamento financeiro
- Controle e redução de custos e desperdício
- Planejamento e definição de todos os custos de produção
- Desenvolvimento de planejamento estratégico da Escola
- Fornece total controle aos gestores e administradores
- Possibilita a avaliação de desempenho
- Relatórios orçamentário e financeiro
- Contabilidade por responsabilidade
- Relatórios por metas e desempenho
- Relatório Situacional
- Relatórios especiais não rotineiros para decisões estratégicas

+ BENEFÍCIOS

- Planejamento Tributário - Redução da carga tributária de forma legal em até 40%
- Total segurança e qualidade em todos os cálculos, emissão de tributos e demais rotinas
- Sistemas totalmente parametrizados para atender ao eSocial e Sped Contábil e Fiscal
- Duas reuniões mensais em nossa sede diretamente com os Gerentes das Áreas
- Suporte via telefone e e-mail, sem imposição de limites para os fins que se destina
- Acesso à informações e Relatórios Gerenciais em área restrita em ambiente web
- Boletins constante de Orientações referentes a mudanças e atualizações na legislação
- Recebimento de Relatórios Gerenciais conforme situação e solicitação do cliente
- Uma visita quinzenal para retirada e entrega de documentos entre a B.W e o cliente



AO CONTRATAR A B.W. PARA FAZER A GESTÃO CONTÁBIL DA SUA ESCOLA, VOCÊ PASSA EFETIVAMENTE A OBTER RESULTADOS ATRAVÉS DAS INFORMAÇÕES CONTÁBEIS DA SUA ESCOLA. E TUDO ISSO COM INVESTIMENTO ADEQUADO À REALIDADE FINANCEIRA DA SUA ESCOLA.

FALE COM O WEBER, NOSSO GERENTE COMERCIAL E AGENDE UMA VISITA.

(11) 3554-2960 | COMERCIAL@BWCONTABILIDADE.COM.BR | WWW.BWCONTABILIDADE.COM.BR



Aprender a ler é ler, pois só se aprende a ler porque se está lendo



Assim, o conhecimento de alguns pressupostos linguísticos básicos pode iluminar o que é essencial na apropriação da língua escrita. E um desses aspectos é compreender que não se aprende a ler em silêncio, isoladamente, sem a interação com diferentes parceiros. Isso porque a função de qualquer texto só se realiza na ação do interlocutor. A construção de sentido é o resultado das ideias do autor, expostas de determinada forma, somadas ao acolhimento do leitor, a partir de suas experiências leitoras ou não. Esse é um princípio linguístico. Se tomada em sua essência, vivenciado por aquele que propõe a atividade leitora, pode gerar um princípio metodológico diverso do pragmatismo de ler e responder questões por escrito.

Instaurar a política de dar voz e vez à classe é o caminho mais curto para o desenvolvimento da leitura e para a aprendizagem dos mecanismos que possibilitam o amadurecimento do leitor. Seja ele adulto ou não. Esteja ele no início do processo ou já em níveis mais avançados. Ao longo de todo o processo é indispensável que se assegure o levantamento de construção de hipóteses sobre as ideias do texto e que se desvele o entendimento de cada um. Afinal, atuar no Nível de Desenvolvimento Proximal implica conhecer concretamente a zona

real de desenvolvimento, isto é, detectar a realidade de cada sujeito aprendiz no que se reflete naquele momento. E para ampliar a zona potencial de desenvolvimento é imprescindível ouvi-los, colocá-los em situação de interlocução geral e analisar, coletivamente, o que procede e o que não seria possível inferir nas ideias lidas e ouvidas.

Abrir a discussão sobre o texto lido ou ouvido, respeitando a opinião e garantindo a palavra de quem quer contribuir, gera liberdade e segurança, mas, acima de tudo, pode proporcionar satisfação e elevar a autoestima de muitos. O que pode ser um bom início de formação leitora, já que apenas se exige o que as crianças já sabem fazer: falar e se posicionar sobre o que leram ou ouviram.

Por isso não dá para prescindir que, na questão de leituras, os educadores em questão que participam da formação em serviço e que as crianças expressem seus pontos de vista, que o expliquem, que compreendam os pontos de vista do outro, que os comparem, que antecipem a mudança que provocará tal ação, que imaginem a fase que precede a situação atual e que a tornou possível pensar daquela forma.

Enfim, são as mesmas atividades intelectuais, eminentemente sociais, que supõem uma confrontação e busca tirar

tudo o partido dos conflitos afetivos, cognitivos e sociais (tão bem utilizadas por todos no dia a dia ou nas aulas de Educação Física, que tanto prazer dá aos alunos) possibilitando assim, o enriquecimento de cada um, proporcionado também o avanço coletivo daquela comunidade aprendente.

Para concluir, é importantíssima a compreensão de que para aprender a ler, tanto na instância discente como na docente, é imprescindível ser colocado e situações que reúnam as condições de uma leitura verdadeira, nas quais o leitor exerça uma atividade de leitura verdadeira para ele. Aprender a ler é ler, pois só se aprende a ler porque se está lendo, como quer Jean Foucambert.

Dest'arte, uma evolução dos resultados com relação ao sucesso da aprendizagem da leitura só viria com uma transformação profunda das práticas pedagógicas e não da melhoria das práticas existentes. ●



Sandra Bozza
Mestre em Ciências da Educação,
Especialista em Literatura Infantil,
professora de Metodologia de
Ensino da Língua Portuguesa, de
Literatura Infantil, de Linguística
e de Metodologia de Ensino de
Alfabetização e Letramento.



DIGITAL
EDUCATIONAL
COACHING

O melhor aplicativo escolar do Brasil



O DEC é um aplicativo para smartphone e tablet desenvolvido para a excelência do processo de formação do aluno. Uma ferramenta totalmente integrada ao seu sistema de gestão escolar.

Utiliza informações de frequência, horários de entrada/saída e notas, complementando com hábitos e planejamento de estudo, participação dos pais no processo de aprendizado, preparação para provas, e muitas outras ferramentas exclusivas do aplicativo.

Surpreendendo ao oferecer um sofisticado sistema de Coaching que auxilia alunos, em todos os segmentos de aprendizagem, a conquistar os seus objetivos.

Conheça o DEC
www.decapp.com.br

atendimento@decapp.com.br
+55 11 3075-3020





Arte

SIEEESP

Arte na Educação Infantil

O trabalho artístico possibilita ampliar as formas de expressão e também, o universo criativo e imaginário das crianças. *“A arte capacita um homem ou a mulher a não ser um estrangeiro em seu meio ambiente, nem estrangeiro no seu próprio país. Ela supera o estado de despersonalização, inserindo o indivíduo no lugar ao qual pertence, reforçando e ampliando seus lugares no mundo”.* (Ana Mãe Barbosa)

A arte é uma linguagem especial. É utilizada para que o ser humano possa mergulhar dentro de si mesmo, trazendo à tona emoções do próprio ser. Por isso, quando um homem quer falar ao coração dos outros homens, ele o faz pela linguagem da arte. Quando isso acontece, naquele homem se sente e age o ARTISTA.

O ensino atual conteudista, fragmentado e massificante, não explora todas as possibilidades que existem dentro e fora da instituição escolar e de si mesmos.

O grande desafio é caminharmos para uma educação eficaz e de qualidade, que integre todas as dimensões do ser humano. Para tal, precisamos de pessoas que façam integrações de si mesmas no que concerne aos aspectos sensorial, intelectual, emocional, ético e tecnológico. Além disso, que transitem de forma fácil entre o pessoal e o social, que expressem através de palavras e ações que estão sempre evoluindo, mudando e avançando.

Nas produções artísticas das crianças são comuns alguns desenhos estereotipados como a casinha, a árvore de maçãs, o “homem palito”, pássaros em forma de um “v”, sol com carinha, entre outros, pois são essas figuras que as crianças veem espalhadas pelos murais da própria escola, em revistas ou até mesmo na TV.

A ideia de variar os instrumentos para criação artística auxilia o pensar em novas possibilidades. Como desenhar usando spray, roll on ou conta gotas? Além de desenvolver a coordenação motora fina e ampla de forma divertida, são propostos desafios para os alunos pintarem e desenharem, descobrindo com o professor, novas maneiras de realizar esses desenhos ampliando o conhecimento e desenvolvendo a expressão. O ensino de Arte aborda uma série de significações, tais como: o senso estético, a sensibilidade e a criatividade.

“O desenho é um pedacinho da alma criança deitado num papel” (Claparède)

Cabe ao professor pensar na criança em um universo amplo, onde não seja estereotipada; e sim, estimulada a criar e respeitar as suas produções e as dos colegas, enxergar o mundo com seus olhos, mostrar-lhes vários caminhos que os levarão a um aprendizado mais amplo.

Pensar na criança como um ser inocente e sem critérios estéticos é seguramente ignorar e menosprezar sua capacidade. Devemos percebê-las, sim, como construtoras de seu próprio universo, onde suas atitudes e observações são parte deste mundo próprio, onde há a concessão de participarmos dele. É nessa independência e atemporalidade que o universo infantil se baseia, nos interesses rápidos e vorazes, nas criações e faz de conta destas criaturas ávidas de prazer e vida.

O (a) educador (a) deve estimular encorajar e apreciar o resultado do esforço infantil. Jamais procure coisas “erradas” para apontá-las ou modificá-las. A criança que é sensibilizada em suas relações com



A criança, mesmo antes de aprender a ler e a escrever, reage positivamente aos estímulos artísticos, pois ela é criadora em potencial

o meio enriquece suas observações e experiências.

Jamais interferir, ajudar ou modificar o trabalho de uma criança. A expressão gráfica livre é o registro da personalidade infantil. Cabe aqui uma frase de D. Helder Câmara: “Ótimo que sua mão ajude o voo, mas que ela jamais se atreva a tomar o lugar das asas”.

Quando as habilidades infantis são estimuladas, ajudam no processo de aprendizagem, pois desenvolvem a percepção e a imaginação - recursos indispensáveis para a compreensão de outras áreas do conhecimento humano. Estabelecendo, sempre, um diálogo entre todos os participantes da turma - que é uma questão fundamental para que haja uma comunicação ampla - que será ampliado, desenvolvido, trabalhado, estimulado, aprimorado e praticado com constância para que a criança tenha o máximo desempenho de sua capacidade cognitiva.

Aprendemos a olhar o mundo de várias maneiras. Mais ou menos sensíveis, críticos, distraídos, autoritários, etc. Essa percepção carrega uma enorme contribuição daqueles que nos ensinaram a contemplar esse universo de informações que absorvemos durante a vida. Isso, dependendo de como cada coisa, ser ou espécie, nos foi exposta - do respeito que recebeu, dos atos que observou, do tom de voz que foi usado para esse contato e das interpretações que ocorrem.

Segundo, Dewey, enquanto experiência, a Arte faz parte das relações que o homem estabelece com seu entorno, isto é, a Arte ganha um caráter prático e articula-se com a vida e a cultura.

A criança trabalha com as mãos, aprendendo e apreendendo o mundo; enxerga através delas, observando, manipulando e modificando, destruindo e construindo, mas, sobretudo criando. Através das atividades lúdicas a criança consegue se exprimir. Entretanto, também se torna necessário mostrar-lhe alternativas, perspectivas e concepções: a Arte como coautora da nossa sociedade - ampliando assim, sua visão de possibilidades, na experiência entre o real e o imaginário, do comparativo e do demonstrativo da realidade humana.

A arte, ou expressão artística, é um dos maiores instrumentos de avaliação que o educador pode contar. Através dela, pode-se avaliar o grau de desenvolvimento mental das crianças, suas predisposições, seus sentimentos, além de estruturar a capacidade criadora, desenvolver o raciocínio, imaginação, percepção e domínio motor.

A criança, mesmo antes de aprender a ler e a escrever, reage positivamente aos estímulos artísticos, pois ela é criadora em potencial. Nesta fase, as atividades de artes fornecerão ricas oportunidades para o desenvolvimento das crianças, uma vez que põem ao seu alcance os mais diversos tipos de material para manipulação.

Na escola, quanto maiores forem as oportunidades de descobertas, manipulações e construções que o educador oferece às crianças, maiores serão as chances de um desenvolvimento harmonioso e compatível com suas possibilidades. Sendo assim, entre os cantinhos exploratórios não pode faltar um que seja dedicado às artes. Quando se desenha ou se desenvolve uma atividade artística criativa, podemos dizer que se vive >>>



um momento de introspecção. Um tempo para si, de reflexão e de expressão sobre si mesmo e o mundo que o cerca. Dentro do processo de construção de conhecimentos e significados, é evidente que desenvolver a percepção é um objetivo importantíssimo. E para concretizá-lo é preciso que a escola, entre outras coisas, dedique mais tempo e abra mais espaço às artes.

É necessário atentar para como as crianças se aproximam e agem em relação ao aspecto artístico do conhecimento, essas observações ajudarão o (a) professor (a) a planejar, sabendo como propor experiências, e quais seriam elas, atividades e situações que façam avançar as percepções e observações das crianças, bem como seus repertórios de saberes.

Um cantinho artístico exclusivo, dentro de sala de aula, favorecerá as práticas interdisciplinares, dentro de uma proposta construtiva, onde o (a) educador (a) poderá atuar de um modo mais criativo e direito, oferecendo às crianças oportunidades para que expressem seus sentimentos e anseios, através de atividades de: pintura, modelagem, expressão corporal, músicas e brincadeiras diversificadas.

O uso constante do cantinho das artes desenvolverá nas crianças sua imaginação e sua sociabilidade, além de dominar as angústias e medos que aparecem mesclados de fantasia e realidade. Destaco aqui a importância de oferecer os mais diversos materiais a fim de transformar a sala de aula e seu cantinho em um ambiente realmente estimulante e significativo, propício às descobertas e a construção de conhecimentos.

Dentre os objetivos do cantinho das artes, destaco: Produção de trabalhos artísticos utilizando a linguagem do desenho, da pintura, da modelagem, da colagem, da construção, desenvolvendo o gosto, o cuidado e o respeito pelo processo de produção e criação; levar o aluno a se expressar e se comunicar em artes mantendo uma atitude de busca pessoal e/ou coletiva, articulando a percepção, a imaginação, a emoção, a sensibilidade e a reflexão ao realizar e fluir produções artísticas; Promover espaço de interação com materiais, instrumentos e procedimentos variados em artes, experimentando-os e conhecendo-os de modo a utilizá-los nos trabalhos pessoais; Edificar uma relação de autoconfiança

com a produção artística pessoal e conhecimento estético, respeitando a própria produção e a dos colegas, no percurso de criação que abriga uma multiplicidade de procedimentos e soluções.

As artes também comunicam e expressam volume, espaço, cor e luz na pintura, no desenho, na escultura, na gravura, na arquitetura, nos brinquedos, nas dobraduras, nos bordados, etc... Encontramo-la em toda a vida infantil cotidiana, ao rabisçar o papel ou desenhar na areia e nas paredes, ao utilizar materiais da natureza, pintar seu corpo e objetos, ou seja, em tudo que serve para expressar experiências sensíveis.

Sendo uma forma de linguagem, a Arte justifica sua forte presença na educação infantil como importante meio de expressão e comunicação humanas. Assim sendo, as salas de aula devem ser “laboratórios” para as crianças, pois é o local propício para exploração, reflexão, ação e elaboração dos verdadeiros sentidos de suas experiências.

Através das diversas manifestações artísticas, as pessoas podem se expressar de uma forma própria e singular e superar as mais diversas barreiras da comunicação.

O período dos 2 aos 7 anos de idade é de descoberta com relação a como atuar por meio de representações no sentido do uso de linguagens. A criança nesta faixa-etária se encontra em fase de pensamento concreto e faz largo uso de seus sentidos para enriquecer suas experiências. Isso, enquanto seres em processo de humanização, constrói-se como tal nas relações com a natureza, seus semelhantes, consigo e com sua cultura. Nesta fase, as atividades artísticas fornecerão ricas oportunidades para o seu desenvolvimento, uma vez que, põem ao seu alcance os mais diversos tipos de material para manipulação.

O Referencial Curricular para Educação Infantil (RCNEI) trata a Arte como uma das formas de linguagem e de contato com objetos de conhecimento importantes no desenvolvimento das capacidades de expressão e comunicação das crianças.

Na Educação Infantil não deve haver a preocupação com formação de artistas que dominam com autonomia a sintaxe das linguagens, mas sim, em favorecer o acesso às linguagens com o intuito da formação de leitores, e também, usuários do simbolismo presente nas representações de Arte. ●

REFERÊNCIAS:

- BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2002.
- BRASIL, *Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil: conhecimento de mundo*. Brasília: MEC/SEF, 1998. 243p. (Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil). v.3.
- CARVALHO, Astrogildes Delgado. *Treinamento para educadoras de Centros infantis-Planejamento Pré-escolar*. Edições Paulinas.
- John Dewey: *O Ensino da Arte no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2001.
- PAREYSON, Luigi. *Os problemas da Estética*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.



Paty Fonte

Educadora especialista em pedagogia de projetos, autora dos livros “Projetos Pedagógicos Dinâmicos: a paixão de educar e o desafio de inovar” e “Pedagogia de projetos - ano letivo sem

mesmice”, publicados pela Wak. Idealizadora e diretora dos sites projetopedagogicosdinamicos.com e cursosppd.com.br



HABIB

ADVOCACIA E CONSULTORIA JURÍDICA

Soluções personalizadas em assuntos jurídicos



A Habib Advocacia e Consultoria Jurídica é formada por profissionais especializados em Direito Tributário, Societário e Empresarial, que se uniram para oferecer serviços diferenciados, com foco nas necessidades dos clientes.



Com forma de atuação baseada na proximidade com os clientes e no constante envolvimento com suas atividades operacionais, diferencia-se pelo atendimento totalmente personalizado.



www.habibadvogados.com.br



Inovação:

Novos Horizontes para a Educação

Esse é o tema do Congresso Bett Educar 2017



No dia 25 de outubro último, no auditório do MAM – Museu de Arte Moderna, no Parque do Ibirapuera, foi realizado o lançamento da Bett Educar 2017, evento que contou com a parceria do Estadão. Coerentemente com um de seus principais propósitos, de trazer conteúdos relevantes e de qualidade para os seus públicos, esse evento contou com o debate sobre um dos temas mais candentes do momento: o jovem e a escola.

A proposta de reforma do ensino médio, expressa na Medida Provisória (MP 746/216) acabou por acirrar ânimos – já então bastante exaltados, entre estudantes e redes públicas, culminando na ocupação de inúmeras escolas. Ainda que esse movimento seja fortemente político, situado no quadro de polarização em que vivemos, vale a pena, e é útil, olhar para além desse componente. Outros movimentos, inclusive os não organizados, mas de caráter individual, como é o caso da elevada evasão no ensino médio, são também crescentes. Boa parte da explicação para isso é a inade-

quação da escola às necessidades, anseios e realidades dos jovens de hoje. Uma escola que é muito parecida à de meus avós e que, a menos das palmadas, castigos físicos e alguns tipos de humilhação, é a mesma para meus filhos e para os netos de meus amigos. Uma escola que desconhece, e passa ao largo, das imensas mudanças que marcam a sociedade nos últimos cem anos, particularmente as que vêm ocorrendo já neste século XXI, que continuam transformando as relações humanas e as produtivas e, entre outras, extrapolando conceitos de distância e de pertencimento.

O tema do debate “Nossa Escola em (Re)Construção” foi definido com base na pesquisa homônima, realizada pelo Porvir, um dos parceiros de conteúdo da Bett Educar 2017 (<http://bit.ly/2fB81cr>). A pesquisa foi realizada por internet, com 132 mil jovens de 13 a 21 anos, no Brasil todo. Desse total, 86% são de escolas públicas. Apesar do elevado número de respondentes, ela não tem significância estatística. Mas funciona como uma “escuta” sobre o que pensa o jovem,

a respeito da escola de hoje. Destaco aqui apenas alguns dos achados, que considerei interessantes para essa discussão.

- 4 em cada 10 jovens estão satisfeitos com as aulas e os materiais pedagógicos;
- 7 em cada 10 jovens acreditam que as relações dos alunos com a equipe escolar e com seus colegas precisam melhorar;
- 57% dos jovens classificam como regular ou ruim o uso da tecnologia na escola.

Os resultados merecem ser lidos. Mas assim como no evento, onde pedimos aos debatedores que, ao invés de discutirem a pesquisa em si, fizessem uma leitura dos resultados a partir de suas próprias visões e inserções no mundo, aqui apresento a minha. O que mais me chama a atenção é que imaginava uma postura mais crítica dos jovens em relação à escola. O que me leva a refletir sobre o quanto o jovem não estaria condicionado ao que é a escola e, daí, a sua limitação quanto à própria perspectiva de mudança.

É especialmente interessante avaliar os resultados obtidos para como seria a

57% dos jovens classificam como regular ou ruim o uso da tecnologia na escola



“escola dos sonhos”, segundo a tipologia proposta: (i) a escola para aprender mais; (ii) a escola que respeita a individualidade de todos; (iii) a escola inovadora; (iv) a escola que deixa mais feliz. Destaco os resultados obtidos para os dois últimos “tipos ideais”, com as características associadas a cada um deles.

Escola inovadora - FOCO: Preparar para o Enem e vestibular (27%) Preparar para o mercado de trabalho (23%). CONTEÚDOS: Conhecimentos ligados à tecnologia (17%); Habilidades de relacionamento (12%). ORGANIZAÇÃO CURRICULAR: Ter disciplinas obrigatórias e poder escolher outras (23%); Disciplinas obrigatórias no horário da aula e eletivas fora do horário (19%). O JEITO DE APRENDER: Aprender usando tecnologia (33%); Atividades práticas e resolução de problemas (27%). OS RECURSOS EDUCACIONAIS: Projetos (18%); Pesquisas na internet (16%); Robótica e programação (15%). O JEITO DA SALA DE AULA: Ter móveis e ambientes variados (32%); Poder usar ambientes internos e externos (19%).

Escola que deixa mais feliz - FOCO: Preparar para o Enem e vestibular (28%) Preparar para o mercado de trabalho (23%); Preparar para relações humanas e sociais (11%). CONTEÚDOS: Conhecimentos ligados à tecnologia (13%); Esportes e bem-estar (12%). ORGANIZAÇÃO CURRICULAR: Ter disciplinas obrigatórias e poder escolher outras (25%); Poder escolher todas as disciplinas que vou fazer ou não (19%). O JEITO DE APRENDER: Aprender usando tecnologia (31%); Atividades práticas e resolução de problemas (29%). OS RECURSOS EDUCACIONAIS: Projetos (19%); Rodas de conversa (17%); Pesquisas na internet (15%). O JEITO DA SALA DE AULA: Ter móveis e ambientes variados (30%); Poder usar ambientes internos e externos (19%).

O que vejo aqui? Em primeiro lugar que a “escola inovadora” e a “escola que me deixa feliz” são bem parecidas. Mas tampouco são distantes dos dois primeiros tipos (“a escola para aprender mais” e a “escola que respeita a individualidade de todos”).

Também concluo que os tipos de escolas dos sonhos, segundo os jovens que responderam à pesquisa, não são distantes daquilo que os adultos conectados com o mundo de hoje imaginam como modelo de escola. Ou seja, na minha perspectiva, a pesquisa não indica ruptura entre aquilo que o jovem deseja e o que se está construindo, com base na inovação e em novos modelos de aprendizagem. Contra essa conclusão, poder-se-ia argumentar que uma coisa influencia outra. E eu diria: que bom! Que seja assim. Então vamos continuar inovando, ouvindo nossos jovens e construindo a “escola dos sonhos”. Requer muito trabalho, mas me parece ao nosso alcance. ●



Vera Cabral Costa
Consultora em educação da Bett Brasil Educar e diretora executiva da Abrelivros.



DESCONTO PONTUALIDADE OU UMA MULTA CAMUFLADA?

Em recente decisão do último dia 4 de outubro, os ministros da Terceira Turma do Superior Tribunal de Justiça (STJ) deram provimento ao Recurso Especial da União Cultural e Educacional Magister, entendendo que o “desconto pontualidade” inserido nos contratos de prestação de serviços educacional não é “multa camuflada”.

Referido Recurso Especial é oriundo de ação civil pública proposta pelo Ministério Público do Estado de São Paulo (MPSP) contra a União Cultural e Educacional Magister Ltda., diante da prática comercial adotada pela instituição de ensino, denominada como “desconto pontualidade”, por entender ser abusiva e que a concessão de um desconto fictício no valor da mensalidade para os alunos os quais, efetuassem o pagamento até a data do vencimento quando, na verdade, no valor nominal cobrado, já estaria embutido o valor de uma multa moratória camuflada.

Segundo o entendimento do MPSP, o valor correto e real da mensalidade seria o valor nominal cobrado, subtraído o valor do “desconto por pontualidade”, sob a pena de a multa moratória ultrapassar o patamar de 2% (dois por cento), contrariando, assim, o artigo 52, parágrafo 1º do Código de Defesa do Consumidor.

Com propriedade, os argumentos apresentados pela instituição de ensino esclareceram que os descontos são mera liberalidade da sua parte; que não cabe ao Estado interferir na relação entre escola e aluno e que a própria lei 9.870/99 prevê a possibilidade de planos alternativos para o pagamento da anuidade escolar e que a multa é aplicada sobre o valor nominal, sem o desconto, portanto, não há que se falar em multa camuflada.

Ora, bem decidiram os ministros quando acolheram o recurso da instituição de ensino. É certo que o benefício/desconto concedido em razão da antecipação do pagamento, caracteriza-se em um incentivo para o pagamento na data prevista e um legítimo e importante instrumento premial de incentivo ao cumprimento espontâneo e antecipado do valor devido.

Vejamos:

“Sob este enfoque, a par das medidas diretas que atuam imediatamente no comportamento do indivíduo (proibindo este, materialmente, de violar a norma ou compelindo-o a agir segundo a norma), ganha relevância as medidas indiretas que influenciam psicologicamente o indivíduo a atuar segundo a norma. Assim, o sistema jurídico promocional, para o propósito de impedir um comportamento social indesejado, não se limita a tornar essa conduta mais difícil ou desvantajosa, impondo obstáculos e punições para o descumprimento da norma (técnica do desencorajamento, por meio de sanções negativas). O ordenamento jurídico promocional vai além, vai ao encontro do comportamento social desejado, estimulando a observância da norma, seja por meio da facilitação de seu cumprimento, seja por meio da concessão de benefícios, vantagens e prêmios decorrentes da efetivação da conduta socialmente adequada prevista na norma (técnica do encorajamento, por meio de sanções positivas).

Norberto Bobbio, com maestria, bem delimita a função promocional do direito e as sanções positivas, nos seguintes termos:

[...] Com efeito, o papel do direito na sociedade é comumente considerado do ponto de vista da sua função predominante, que sempre foi aquela, mais passiva que ativa, de

proteger determinados interesses mediante a repressão dos atos desviantes. Não há dúvida de que a técnica das sanções negativas é a mais adequada para desenvolver esta função, a qual é, ao mesmo tempo, protetora em relação aos atos conformes e repressiva em relação aos atos desviantes. Contudo, a partir do momento em que, devido às exigências do Estado assistencial contemporâneo, o direito não mais se limita a tutelar atos conformes às próprias normas, mas tende a estimular atos inovadores – e, portanto, a sua função não é mais apenas protetora, mas também promocional –, surge, paralelamente ao emprego quase exclusivo das sanções negativas, as quais constituem a técnica específica da repressão, um emprego, não importa se ainda limitado, de sanções positivas, que dão vida a uma técnica de estímulo e propulsão a atos considerados socialmente úteis, em lugar da repressão de atos considerados socialmente nocivos”.

[...]

Desta maneira, referida decisão do STJ representa importante entendimento sobre a questão do desconto pontualidade x multa camuflada, pondo, assim, uma pá de cal às interpretações em sentido contrário dos tribunais inferiores, pois, trata-se de importante instrumento incentivador ao pagamento no dia estabelecido e, também, importante para evitar ou minimizar a inadimplência escolar nos atuais momentos de crise financeira que o nosso país atravessa. •



Josiane Siqueira Mendes
Advogada do SIEEESP.

**UMA ESCOLA É FEITA DE
AULAS, ATIVIDADES, PROVAS
E DE MUITAS DECISÕES.**

A chave para um ensino de qualidade passa pela escolha certa do parceiro de ensino. O Sistema Etapa alia seus sólidos resultados aos mais de 45 anos de sucesso do Grupo Etapa para oferecer à sua instituição um olhar moderno sobre a educação e a oportunidade de ser referência.

**Escolha ser referência.
Seja parceiro do Sistema Etapa.**

VAMOS CONVERSAR?

www.sistemaetapa.com.br

ou ligue 0800 727 8080



Forte no ensino. Sólido nos valores. Único nos resultados.



Simplex Nacional

Aspectos gerais da tributação

No início do ano, as escolas já têm que se preocupar com um assunto bastante importante: o regime de tributação que adotará para o ano corrente, pois isso impactará diretamente nos seus resultados financeiros.

Atualmente, as empresas que faturam até R\$ 3.600.000,00 (três milhões e seiscentos mil reais), anualmente, podem optar pelo regime de tributação Simples Nacional, que geralmente é o regime menos oneroso para as instituições de ensino que atendem a este limite.

Em outros regimes de tributação como o Lucro Real ou o Lucro Presumido, as escolas têm que recolher além dos tributos incidentes sobre o faturamento e lucro, a Cota Patronal do INSS, em percentuais que chegam até a 26,8% sobre a folha de pagamento, enquanto no Simples Nacional a Contribuição Previdenciária já está embutida na alíquota total que a empresa recolhe sobre o faturamento, tornando o regime menos oneroso.

Mesmo o Simples Nacional sendo um regime de tributação geralmente mais atraente para as escolas, é necessário que o Contador analise as receitas e despesas projetadas da entidade, para que seja feita a opção pelo regime de tributação menos oneroso.

A tabela abaixo traz um comparativo tributário para demonstrar a carga tributária incidente em cada um dos regimes de tributação, para ilustrar melhor as in-

formações acima mencionadas, tomando como exemplo uma escola de ensino fundamental com um faturamento anual de R\$ 420.000,00 (quatrocentos e vinte mil reais).

Prazo para adesão ao Simples Nacional

Para as empresas que não são optantes pelo Simples Nacional, o prazo para opção para o ano-calendário 2017 será até o dia 31/01/2017.

Parcelamento de débitos do Simples Nacional

A Lei Complementar 155/2016, que foi publicada em 28/10/2016, permitiu às empresas optantes pelo Simples Nacional parcelarem seus débitos em até 120 parcelas mensais, débitos estes limitados até a competência Maio/2016. A dívida, objeto do parcelamento, será consolidada na data de seu requerimento e será dividida pelo número de prestações que forem indicadas pelo devedor, não podendo cada prestação ser inferior a R\$ 300,00 (trezentos reais).

Alterações para o ano-calendário de 2018

A Lei Complementar 155/2016 trouxe também alterações em relação ao limite de faturamento do Simples Nacional, que a partir de 2018, passará de R\$ 3.600.000,00 (três milhões e seiscentos mil reais) para R\$ 4.800.000,00 (quatro milhões e oitocentos mil reais).

As empresas optantes pelo Simples Nacional que durante o ano-calendário de 2017 ultrapassarem o limite de faturamento de R\$ 3.600.000,00 (três milhões e seiscentos mil reais), mas não ultrapassarem o limite de R\$ 4.800.000,00 (quatro milhões e oitocentos mil reais), poderão se manter no Simples Nacional a partir do ano de 2018.

Outra mudança prevista pela Lei Complementar é a adoção de apenas 06 (seis) faixas de faturamento para cálculo do Simples Nacional devido mensalmente, em substituição às 20 (vinte) faixas existentes hoje e que valerá até o final do ano-calendário de 2017.

Considerações finais

A opção pelo regime de tributação é definitiva para o ano-calendário. Portanto, é de suma importância que a empresa tenha o enquadramento no regime tributário menos oneroso.

Conforme já mencionado, deverão ser feitas as simulações de receitas e despesas em cada um dos regimes de tributação para escolha do regime ideal para a instituição.

Deverá haver uma atenção maior em 2018, quando está prevista a mudança de critério de cálculo do Simples Nacional, pois em alguns casos específicos, as alíquotas sofrerão aumentos comparando com as tabelas vigentes em 2016 e 2017.

O aumento do limite de faturamento do Simples Nacional a partir de 2018 foi uma boa notícia para os empresários, apesar de tardia, pois o limite atual já está defasado. Anualmente as escolas promovem o reajuste das mensalidades para reposição de perdas inflacionárias, aumentando assim o faturamento bruto e em compensação não há a contrapartida de reajuste do limite de faturamento, causando inclusive a exclusão de empresas do sistema Simples Nacional, por excesso de faturamento. •

COMPARATIVO TRIBUTÁRIO			
Descrição	Simples	Presumido	Real
Receita	420.000,00	420.000,00	420.000,00
Pessoal Adm	39.990,00	39.990,00	39.990,00
Coordenador	26.660,00	26.660,00	26.660,00
Pessoal Docente	66.650,00	66.650,00	66.650,00
Total Folha	133.300,00	133.300,00	133.300,00
Outras Despesas	130.000,00	130.000,00	130.000,00
Resultado Bruto	156.700,00	156.700,00	156.700,00
Simples	43.092,00	0,00	0,00
Iss	0,00	8.400,00	8.400,00
Fgts	10.664,00	10.664,00	10.664,00
Inss	0,00	33.991,50	33.991,50
Pis	0,00	2.730,00	2.730,00
Cofins	0,00	12.600,00	12.600,00
Irpj	0,00	20.160,00	10.257,83
Csll	0,00	12.096,00	6.154,70
Total Tributos	53.756,00	100.641,50	84.798,03
Resultado Líquido	102.944,00	56.058,50	71.901,97
SN em relação ao Presumido	- Menos	46.885,50	
SN em relação ao Real	- Menos	31.042,03	

Anualmente as escolas promovem o reajuste das mensalidades para reposição de perdas inflacionárias



Wagner Eduardo Bigardi
 Gestor Fiscal na Meira Fernandes. Contador com mais de 25 anos de atuação nas áreas Fiscal e Contábil, sendo 15 anos no segmento educacional. Pós-graduado em Controladoria e Administração Financeira e Negócios pela Universidade Paulista – UNIP, Pós-graduado em Consultoria e Gestão de Empresas pela Faculdade Trevisan e Graduado em Direito na Universidade Unifio. wagner.bigardi@meirafernandes.com.br



ATENÇÃO PARA A NOVA CONVENÇÃO COLETIVA DOS SEUS FUNCIONÁRIOS

VOCÊ SABIA QUE?

- As cláusulas (**de acordo com sua região**) 16, 18 e 19 das convenções coletivas das escolas particulares dizem respeito à responsabilidade da escola em indenizar os beneficiários de seus funcionários caso venham a falecer?
- A Indenização para os professores e auxiliares é de 24 vezes o salário do funcionário que vier a falecer?
- O seu Sindicato SIEEESP, juntamente com a KLIMA CORRETORA DE SEGUROS, possui uma apólice de Vida em Grupo, com condições diferenciadas, para evitar imprevistos e garantir tranquilidade da sua gestão?

COBERTURAS:

- Morte dos funcionários por qualquer causa, até o limite máximo da indenização de R\$ 300.000,00;
- Auxílio funeral de até R\$ 3.000,00;

CONFIRA AS VANTAGENS:

- Fácil adesão;
- Ótimo custo x benefício;
- Simplicidade na liquidação de sinistros;
- A Klima Corretora é especializada no segmento Educacional, onde através da parceria de quase 20 anos com o SIEEESP, e também com excelentes Seguradoras, pode oferecer às escolas particulares uma apólice a um custo tão baixo, com facilidades na adesão, e atendimento diferenciado.

Confira na íntegra as convenções da sua região acessando o site: www.sieeesp.org.br

Veja um exemplo de cálculo de seguro:

Folha de Pagamento Mensal: _____ R\$60.000,00
Valor mensal do Seguro: _____ R\$ 324,89

Ligue agora para (11) 5087-6522 e garanta sua adesão ao **Seguro de Vida em Grupo SIEEESP.**

Seguro Vida em Grupo



Klimaseguros@klimaseguros.com.br

Av. Das Nações Unidas, 18.801 . Conjuntos 425 / 426 . CEP 04795.100 . Vila Almeida

np núcleo brasileiro pesquisas psicanalíticas

A Psicanálise como suporte para o professor e a educação

- ✓ Cursos
- ✓ Palestras
- ✓ Atendimento Clínico

(11) 5082-4044
5083-1456

www.nucleodepesquisas.com.br
e-mail: atendimento@nucleodepesquisas.com.br

Rua Humberto I, 501- Vila Mariana - SP
(Próximo ao Metrô Ana Rosa)

MARK@UNIFORMES 10 anos

UNIFORMES PERSONALIZADOS

- ESCOLARES
- PROFISSIONAIS
- ESPORTIVOS

Sede Própria

Mark@Uniformes

Recebido Informatizado

Contato: (11) 2010-7369 / 2015-1243
www.markuniformes.com.br - marka@markuniformes.com.br

sieesp

Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino no Estado de São Paulo

85 ANOS A SERVIÇO DA EDUCAÇÃO

• NOVO ENDEREÇO •

Rua Benedito Fernandes, 107 • Santo Amaro
São Paulo • SP • 04746-110
Fone: 11 5583-5500

sieesp@sieesp.com.br
sieesp.com.br

Anuncie na revista

Escola Particular

11 5583 5500
comercial@sieesp.com.br

AGENDA DE OBRIGAÇÕES • JANEIRO DE 2017 •

• 06/01/2017	SALÁRIOS - ref. 12/2016 E-Social (Doméstica) - ref. 12/2016 FGTS - ref. 12/2016 CAGED - ref. 12/2016	• 20/01/2017	INSS (Empresa) - ref. 12/2016 PIS - Folha de Pagamentos - ref. 12/2016 SIMPLES NACIONAL - ref. 12/2016
• 09/01/2017	ISS (Capital) - ref. 12/2016	• 25/01/2017	COFINS - Faturamento - ref. 12/2016 PIS - Faturamento - ref. 12/2016
• 12/01/2017	EFD - Contribuições - ref. 11/2016	• 30/01/2017	IRPJ - (Mensal) - ref. 12/2016 CSLL - (Mensal) - ref. 12/2016

Dados fornecidos pela HELP - Administração e Contabilidade • helpescola@helpescola.com.br • (11) 3399-5546 / 3399-4385

85 ANOS A SERVIÇO DA EDUCAÇÃO

sieesp

Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino no Estado de São Paulo

Cantinas Do Tio Julio

Administradora de cantinas da rede particular de ensino em todo o Brasil.



VOCÊ NÃO CONHECE?

Acesse:



www.facebook.com/cantinas.tiojulio
www.facebook.com/juliocesar.salles.3192
www.cantinasdotiojulio.com.br

Faça seu contato:

cantinasdotiojulio@ig.com.br



Pós-Graduação Lato Sensu



Educação Matemática para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental

- ▶ Curso com duração de 15 meses (460 horas)
- ▶ Aulas mensais aos sábados

Investimento:

- ▶ Matrícula: R\$ 250,00
- ▶ Mensalidade: 15 parcelas de R\$ 250,00

Início:

- ▶ Março de 2017
- ▶ Curso ministrado por professores doutores ou doutorandos na área de Educação Matemática

Disciplinas:

- ▶ Planejamento de aulas de Matemática (Prática Pedagógica)
- ▶ Análise e elaboração de materiais didáticos
- ▶ Metodologia de Pesquisa (TCC)
- ▶ Sistema de numeração decimal
- ▶ Primeiras Ideias de Adição e subtração
- ▶ Primeiras Ideias de Multiplicação e Divisão
- ▶ Análise de livros didáticos
- ▶ Desenvolvimento da Pesquisa Científica
- ▶ Números racionais na forma fracionária
- ▶ Conceitos Fundamentais de Geometria plana e espacial
- ▶ Conceitos Iniciais de Probabilidade e Estatística
- ▶ Conceitos Iniciais de Grandezas e Medidas
- ▶ Conclusão de Trabalho de Pesquisa

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

 **5583-5500**

• **VAGAS** •
• **LIMITADAS** •

24 PESSOAS POR TURMA



- ▶ Aulas em formato de oficinas pedagógicas que podem ser reproduzidas em sala de aula
- ▶ Metodologias diferenciadas para o ensino de conceitos matemáticos
- ▶ Práticas de ensino inovadoras
- ▶ Utilização de materiais didáticos
- ▶ Salas de aula com no máximo 24 alunos

Certificado válido para progressão funcional emitido pela Faculdade da Aldéia de Carapicuíba - FALC

UMA PARCERIA COM O



CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

NOVA SEDE:

Rua Benedito Fernandes, 107 - Santo Amaro - São Paulo - SP

POSITIVO
FELIZ
COM
SUOS

QUEM É POSITIVO
SAI NA FRENTE
NO ENEM

320

ESCOLAS CONVENIADAS
FORAM PRIMEIROS
LUGARES NO ENEM EM
SUAS CIDADES.

COLÉGIO
POSITIVO

1º

LUGAR NO ENEM*
NO SUL DO
BRASIL.



SISTEMA DE ENSINO
POSITIVO

O RESULTADO É SEMPRE POSITIVO

Getz

* ENEM 2015.



Muito mais que Contabilidade, soluções completas em Gestão para sua Instituição de Ensino.

A Meira Fernandes é uma empresa especializada na prestação de serviços para Instituições de Ensino nas áreas de Finanças, Contábil, Fiscal, Pessoal, Legal, 3º Setor e Tributário.

Atuando há mais de 35 anos em Gestão e Soluções na área educacional e presente em mais de 8 estados e 56 municípios, estabelecemos uma relação baseada em confiança, eficiência e transparência com nossos mais de 700 clientes.

Nosso objetivo é maximizar os lucros e resultados da sua Instituição de Ensino, através do desenvolvimento e aplicação de soluções adequadas ao seu perfil.

A Qualidade que você procura com a Confiança que você precisa



Finanças
Contábil
Fiscal
Pessoal
Legal
3º Setor
Tributário

**Gestão e Soluções
para Instituições de Ensino**